



LITERATURA ERRANTE

01
edição
inaugural



Nesta Edição:

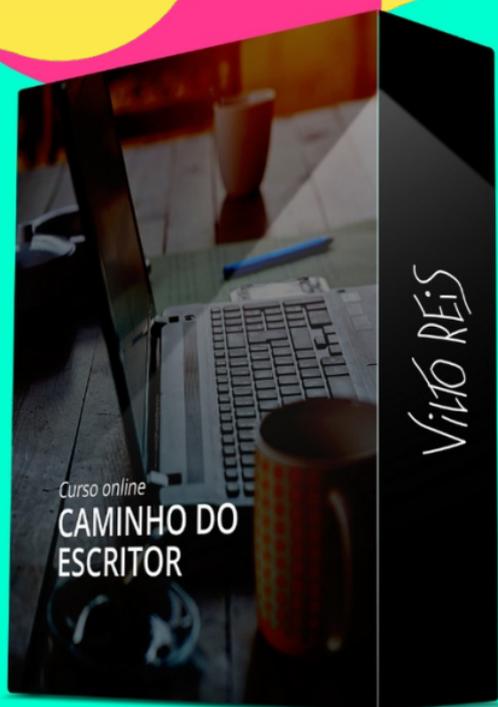
0 Conto de Maquena et al. Minhas impressões sobre a escrita
Poema Mulher-lua et al. AFR0 HORR0R
Perfil de Laurentino Gomes Série Anteros et al.
Prefácio, Prólogo, Epílogo, Posfácio Cartuns por Alpino

Curso online: Caminho do Escritor

GARANTA A SUA VAGA JÁ!

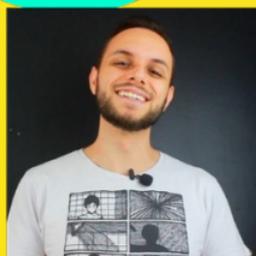
"Só por que algumas pessoas são capazes de fazer uma coisa com pouco ou nenhum aprendizado, isso não significa que outros não possam fazê-la (e às vezes a fazem até melhor) com treinamento." – Carol S. Dweck

Especialista em psicologia do desenvolvimento



PROFESSOR DO CURSO

Vilto Reis



É autor do romance Um gato chamado Borges (2016), livro finalista do Prêmio SESC 2015, tendo contos publicados em diversas revistas online. Também fundou o Homo Literatus e esteve a frente do site por mais de 6 anos, além de participar de outros projetos como a RUSGA – Cursos Para Escritores, Editora Nocaute e a Revista Pulp Fiction. Apresenta o podcast 30:MIN e tenta manter seu canal do Youtube atualizado.

VOCÊ JÁ PASSOU POR
UMA DESSAS
SITUAÇÕES?

Quer
escrever
um livro, mas não
sabe por onde
começar?

Está
escrevendo
aquele livro há
anos?

Começou a
escrever um
livro, mas
desistiu.

Começou a
desenvolver uma
ideia que parecia
boa, e no papel
não ficou legal?

Foi atingido por
um bloqueio
criativo.

O Caminho do Escritor,
de R\$ 897, por apenas R\$ 397.

Com o nosso código exclusivo LITERATURA15,
você ainda tem 15% de desconto!!!

Mais informações do curso:

<https://go.hotmart.com/K41486052H>

ESTA EDIÇÃO

Edição, Capa e Diagramação:

Pablo Gomes

Anthoniele Carvalho

Revisão:

Hellen Heveny

Tatiana Iegoroff

Pablo Gomes

José Gomes

Autores:

Kananda Gomes

Lucas Eugênio

Pablo Gomes

Guto Domingues

Luís Alladin

Laís Correia

Leandro Costa

Natalya Dias

Daniel Cosme

R. Lorry

Natália de Oliveira Souza

Douglas Noletto

Wellington Duarte (Eros)

ISSN:

PENDENTE DE DEFINIÇÃO

(após publicação da segunda edição, conforme normas vigentes, a numeração deverá ser válida retroativamente às primeiras edições registradas)

EDITORIAL: A PRIMEIRA DE MUITAS!

Literatura Errante. Literatura: uso estético da linguagem escrita, arte literária, conjunto de obras literárias de reconhecido valor estético; Errante: que erra, erradio, errabundo, multívago, que segue sem rumo ou direção definida. Logo, propomos a arte da literatura, livre e sem constrangimentos, amarras ou prisões. O uso estético da escrita, seja em versos, em prosas corridas ou em sua modalidade mais gráfica, como em cartuns ou quadrinhos. Liberdade, por sua vez, pressupõe aceitação da diversidade: eruditos e populares, caminhando juntos, sem exclusão; consagrados e iniciantes, de mãos dadas; pobres e ricos; mulheres, homens e todas as identidades de gênero entre eles, à sua volta ou transversais; estrangeiros e nacionais; indígenas, negros, pardos, asiáticos, brancos... acima de quaisquer diferenças entre os indivíduos, a literatura, a arte, a experiência estética! Isso, sim, é o que importa. Isso não nos exime da responsabilidade: diferenças são bem-vindas, desigualdades, não! Nossa linha editorial prima pela responsabilidade! E é nesse espírito que nós convidamos você a folhear nossa revista, esta edição inicial, festiva e comemorativa. Esperamos que você goste tanto quanto gostamos de fazê-la! Boas-vindas!

Pablo Gomes

Obra Licenciada pela Atribuição - Uso Não-Comercial - Vedada a Criação de Obras Derivadas 2.5 Brasil Creative Commons. Todas as imagens publicadas são de domínio público, royalty free ou sob licença Creative Commons. Os textos publicados são de domínio público, com consenso ou autorização prévia dos autores, sob licença Creative Commons, ou se enquadram na doutrina de "fair use" da Lei de Copyright dos EUA (§107-112).

As ideias expressas não necessariamente refletem as posições da revista Literatura Errante® ou do Instituto de Artistas Errantes®, e são de inteira responsabilidade de seus autores.

SUMÁRIO

Contos:

O Conto de Maquena (Kananda Gomes)...	7
Dama das Dunas (Lucas Eugênio).....	15
Despedida (Pablo Gomes).....	21
Tráfico de Palavras (Luis Alladin)...	25

Poemas:

Mulher-lua (Laís Correia).....	28
Falena (Leandro Costa).....	29
Sobre Lonjura (Lis Tine).....	30
Soneto Revelado (Daniel Cosme).....	32
Verso Errante (Pablo Gomes).....	32

Perfil:

Perfil Escritores: Laurentino Gomes (R. Lorry)	34
--	----

Teoria Literária:

Prefácio, Prólogo, Epílogo e Pós-fácio (R. Lorry)	37
---	----

Opinião:

Minhas impressões sobre a escrita (Guto Domingues)	38
--	----

Notícia:

AFRÔ-HORROR: Antologia de contos financiada coletivamente será lançada.....	40
---	----

Folhetim:

SÉRIE ANTEROS - Caso Inicial.....	42
SÉRIE ANTEROS: Espectro Negro.....	44
A Aldeia dos Magos Escondidos I.....	48
A Aldeia dos Magos Escondidos II.....	52

Perpétua

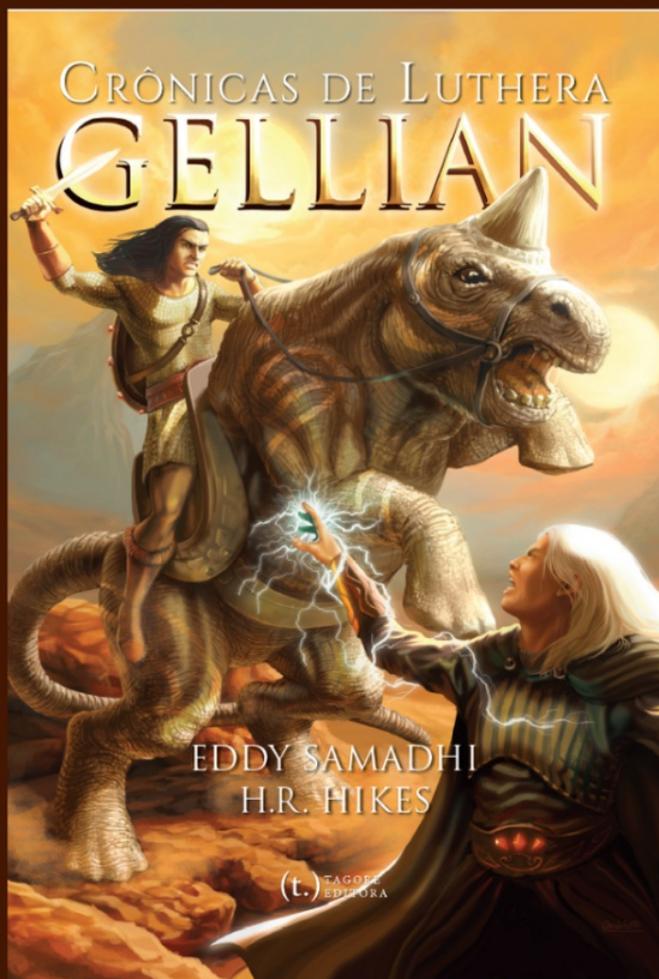
Conto - Até que a Morte nos Separe - parte I	56
Conto - Até que a Morte nos Separe - parte II	60

Entrevista:

ENTREVISTA: Doug Noleto.....	64
------------------------------	----

Cartum:

Trocas.....	68
2020 cancelado.....	68
Guru.....	69



Os autores H.R. Hykes (filho) e Eddy Samadhy (pai).



TEMOS CUPOM
PARA VOCÊ!



Desconto exclusivo de
MAIS DE 16% na compra do livro!
Cupom:
LITERATURAERRANTE

* Na hora de realizar a compra, na loja do site
<https://escritoresasileiros.commercesuite.com.br/loja/produto.php?loja=610702&IdProd=131>





O Conto de Maquena

por Kananda Gomes

Maquena nunca viu. O verbo ver não fazia parte de sua vida, assim como para outros alguns verbos não são aplicáveis e assim como para qualquer um esse tal verbo desconhecido é estranhamente desejado. Maquena não conseguia caber em si, achava até que era uma peça de jogo infantil, movida por um bebê que ainda estava aprendendo a arte de dominar a coordenação motora. Ela se considerava semelhante a um retângulo tentando ser encaixado em uma forma triangular, ela achava que o bebê nunca aprenderia a colocá-la na forma certa. Todos que realmente a conheciam, ou em partes significativas, amavam-na. Diziam que ela poderia fazer qualquer coisa, ser quem quisesse, mas Maquena só queria que o verbo ver fizesse sentido e jus a sua

existência.

Desejos podem se tornar realidade? Sim, claro que isso podia acontecer. Maquena acreditava que poderiam acontecer, que sonhos eram coisas maravilhosas e nem um mal poderia se juntar ao mundo onírico. Maquena não contava com a estranheza da vida, que existem outras milhares de coisas que acompanhavam a realização de seu sonho. Ela não fazia ideia do significado do tudo, porém desejava assim mesmo. Pode-se dizer que ela se arrependeria de esquecer da palavra consequência. Algo que não precisa ter o verbo ver presente, para saber que se faz algo outra coisa é retribuída. Porém, ela também não fazia questão de refletir. Assim como qualquer outro animal e coisa,

a palavra reflexão não faz sentido. E é aí que Maquena, eu e você nos perdemos.

Não há problemas em sonhar e tentar realizar seus sonhos, o problema está em como irá fazer isso. O caminho tem mais a oferecer do que o destino, e aí Maquena errou de novo. O desejo dela foi ouvido, atendido e realizado, ela viu o que realmente significa tudo. Se ela ficou feliz? Não, mas nós nunca estamos felizes.

Antes de dormir Maquena desejou com mais vontade do que qualquer outro dia, ela suplicava poder ver tudo, tudo, tudo. Depois de fazer seu pedido Maquena ouviu um assovio vindo do seu lado esquerdo. Era o Bom Vento das Memórias, um ser de origem desconhecida, de forma muito menos sabida, que realizava os sonhos dos curiosos, apesar de não fazer isso da forma mais segura e confiante, contudo, Maquena e os outros que esse ser "ajudou" não faziam a menor ideia das consequências. Como eu disse antes, esquecemos da importância de refletir sobre essa palavra, não só sobre essa como sobre muitas outras, usamos palavras como enfeites e armas.

Bom Vento das Memórias contou a Maquena que ele já viu tudo, que era absolutamente magnífico e sabia o quanto ela desejava ver tudo, ela perguntou se poderia saber onde poderia olhar tudo e o Bom Vento das Memórias pegou em sua mão e a levou. Maquena por um momento questionou a si sobre a própria segurança e não aguentando mais perguntou como poderia confiar no ser. Bom Vento das Memórias respondeu que ela não podia, que não se confia no ver e muito menos no tudo.

- Bom Maquena, eu levarei você para ver,

te darei a chance de enxergar não só o que está ao seu redor, como também tudo que ninguém conhece, tudo o que qualquer outro animal não viu, coisas julgadas boas e ruins, acontecimentos que só eu, a terra e o céu podemos ver e ainda viver pensando no rumo tudo tomou. Mas, ao final de tudo, você pode escolher enxergar para sempre ou não. Porém, caso você queira ver o tudo pelo resto da sua vida, saiba que nunca esquecerá nada que viu aqui, nem a sensação que teve ao ver cada um dos acontecimentos. Tudo te atormentará tanto que você não aguentará e poderá sucumbir. Terá pesadelos, culpa, sentirá o peso do mundo em suas costas, será como Atlas e ainda sentirá todas as dores dos outros. Está avisada, Maquena. Agora, antes que vejamos, algo quero saber sua escolha.

Maquena pensou que não aguentaria não ver e pensou mais ainda até que chegou à conclusão: seu desespero para saber algo que realmente nem conhecia tomou conta de sua cabeça e de seu corpo, pois, automaticamente, se esqueceu das negatividades que o Bom Vento das Memórias disse. Jogou seus pensamentos para outro lugar e falou que queria ver absolutamente tudo e, no momento em que o Bom Vento das Memórias dava a visão para ela, ele pegava sua alma. Soprando a face e dando-lhe a ilusão, enquanto tempestades invadiam a mente de Maquena, sem sua percepção, as brisas do mundo pediam licença para estar em o Bom Vento das Memórias.

Depois que Maquena aceitou a proposta, o Bom Vento das Memórias a levou para o Túnel do Mundo, o lugar onde a memória da terra é guardada durante toda sua existência e, estando lá, é capaz de ver tudo, mas isso não significa ver o que realmente está ali ou ver o que quer, quem

entrar ali verá tudo puramente.

O Bom Vento das Memórias perguntou se Maquena estava pronta, e ela respondeu que esperou por isso toda sua vida. Então a luz se fez.

Maquena começou a sentir seus olhos queimando e depois ficarem embaçados com as lágrimas. Olhou-se no reflexo da água de um lago, apaixonou-se por si e disse que sabia agora o quanto era linda, porém, se o Bom Vento das Memórias não tivesse a puxado, ela teria morrido afogada na sua ilusão de beleza.

A partir dali tudo ficou muito rápido, não como um piscar de olhos, contudo era agonizante estar dentro do Túnel do Mundo. Era como estar no cérebro da Terra, vendo suas memórias. Podia ser comparado a ler a mente alheia, mas as pessoas não são capazes de esconder tantos segredos quanto a Terra. Esse pensamento fez Maquena se sentir privilegiada e única, como nunca havia se sentido em sua vida. Não posso dizer que no lugar dela eu não me sentiria assim, afinal ela estava vendo tudo. O Bom Vento das Memórias a puxou e seguiu o passeio mais tortuoso ao qual Maquena já foi obrigada a ir, ganhando de lavada do dia na casa da inconveniente tia Camélia e do boçal tio Teixeira, de acordo com a disputa mental que ela fez ao longo do caminho, para se distrair enquanto estava cansada de ver tudo. Estava decepcionada com essa palavra e consigo.

Ela viu a Terra vazia, de longe via Gaia e Urano em um beijo longo e esplendidamente agonizante no que chamamos de horizonte, mas Maquena não sabia o que era aquilo então parecia meio assustador, porém, tinha noção que não devia ter medo e tentou aproveitar a viagem. Foi aí que viu os dinossauros nascendo, caçando e

morrendo, quando percebera o surgimento de uma bola flamejante. Depois ouviu barulhos, tremores, a água do mar, que antes era calma, agora estava enfurecida, e como quem tragicamente acaba de acordar do melhor sono, ela se revoltou e começou a devorar tudo.

Ouviram-se gritos, filhotes de dinossauros estavam nascendo foram engolidos pelas águas e pela terra, deviam ter pensado que se a vida era assim preferiam não ter nascido. As plantas morriam e folhas voavam sem nunca cair. Maquena sentia a agonia da folha, ela entendia o que era voar e voar sem nunca saber quando iria cair, até não esperar mais e acabar caindo. Agora um tronco acertou alguns bebês dinossauros e tudo ficou um breu, como se a Terra tivesse sido engolida por um gigante monstruoso, um das sinuosas cavernas escaldantes do Sudoeste, e assim virara banquete do ébano.

Maquena ficou aliviada em reconhecer o escuro, ela mal conseguia se aguentar em pé, um dinossauro bebê morreu ao seu lado. As plantas tão vívidas começaram a sucumbir tão rapidamente e os olhos de Maquena arderam. Ela não queria mais ver aquilo, porque tudo parecia muito ruim. Ela passou a cogitar uma fuga, porém sabia que não podia sair. Tinha feito um acordo e agora teria que ficar até o fim. Ela disse vacilante um "sim" quando o Bom Vento das Memórias perguntou se ela já estava bem para prosseguir.

Lá se foram.

Viu pás cavando a terra tanto para o nascimento quanto para a morte. Do lugar onde nascia o que se usava para fortalecer, se enterrava e junto se enfraquecia. Viu vestidos roçando em tapetes longos e vermelhos, ao mesmo

tempo em que via outros vestidos roçando em vômito e sangue, este de vermelho tão morto quanto o vívido tapete rubro. Viu o dourado do ouro banhando o rico, o dourado da areia banhando o pobre. O dourado do ouro em barra sob a cabeça do pobre e o dourado da areia erguido sob a cabeça do rico. Viu o lençol branco se manchar do vermelho do morto e da humilhada, isso durante toda a existência do ser humano.

– Animal terrível! – Praguejou o Bom Vento das Memórias, enquanto Maquena concordava.

Ouvii choros de bebês, uns nasciam com um grande teto pintado com anjos em um palácio, outros nasciam na palha, uns nasciam na choupana, outros no iglu, alguns em ocas, outros na palafita, sob madeira e blocos todos foram sustentados, alguns na forma bruta, outros entalhados e banhados. Uns nasceram com os membros do corpo e da família, outros teria membros que faltavam. Embora no começo não percebessem, logo o futuro os cobraria. Outros nasciam na grama, no berço, na lama, no paralelepípedo, ou nas calçadas, mas todos nasciam da terra.

–Ninguém jamais agradeceu a terra. – Disse Bom Vento das Memórias. – Criaturas ingratas. – Esbravejou ele.

Maquena pensou que não se podia agradecer quando não se sabe como ou a quem. Chegou à conclusão que esperamos demais os sinais que queremos, mas deixamos passar os que estão bem em nossa frente.

Maquena ouviu gritos, alguém foi espancado. Em seu corpo havia todas as cores, não sabia porque apanhava ou quem batia, nem mais pensava, só agia como sua

natureza dizia para ser, quando sua falsa ilusão chegou caiu em si, arrependeu-se, deu conta que era um animal selvagem descontrolado. Percebia sem acontecer que seu corpo se moldava a sua selvageria renegada e se levantou, vestiu seu paletó, lavou suas mãos, comprou colares de pérolas e injetou suas palavras nas veias da sua presa, fez com que ela sentisse culpa, a presa fora da sua cadeia alimentar agora chorava e pela porta fora de seu habitat saía e seguia seu nicho ecológico. Maquena ouvia mais gritos e via as expressões, sim ela quis ver tudo, agora via além do que aguentava. Viu pessoas fracas em filas, fracas em aparência, por dentro via resistência.

Alguns eram forçados a andar vestidos iguais, com o silêncio na voz e uma tempestade na cabeça. Do lado, rostos fardados com patentes gritavam num idioma estridente, sentiam as armas nas mãos e com vontade matavam essa gente. Viu pessoas marchando porque queriam, precisavam e clamavam por igualdade, liberdade e fraternidade. Todo esse povo em diversos lugares, idiomas, rostos e histórias, gritavam querendo coisas em comum, tinham roupas diferentes e Maquena pensou que tudo ali era em épocas distintas. Entristeceu-se de ver que lutavam ainda pelas mesmas coisas. Desejava explodir o mundo e começar outro, ou talvez não começar nenhum, Maquena pensou que a segunda opção seria a melhor.

Ela viu velhos e novos barcos jogando seus iguais no chão como se fossem papel ou um jarro, enquanto pratos eram quebrados, tiros eram dados e corpos caíam. Maquena viu o silêncio, viu pessoas dançando na rua rindo e comemorando, viu crianças dando seus

primeiros passos na grama molhada, no piso polido, nas pedras de um prédio destruído, no barco usado para fugir, na fila para entrar em outro país. Apenas as crianças brincavam. Mães seguravam seus bebês enquanto eles choravam, enquanto elas choravam, enquanto ganhavam um belo presente de natal, enquanto reuniam a família, enquanto uma bomba atingia sua cidade, ainda seguravam seus bebês, com cabeças e sem cabeças.

Maquena viu pessoas atirando com lasers, festim, plástico, palavras, pedras, pipocas, comidas, confetes, pólvora, urânio, chumbo. Maquena viu a natureza, viu lagos, cachoeiras, oceanos, rios, geleiras, geadas, nevascas, enchentes, tsunamis viu a água de diversas maneiras, tanto cristalinas, quanto salobras, viu as claras sendo usadas para lavar as mãos no jantar de gala, e as escuras usadas na sopa para as crianças lá de baixo comerem. Ela viu o amor de diferentes maneiras. Viu as pessoas sendo interpretes de suas vidas, mas sem conhecimento algum de como a atuação estava prejudicando suas carreiras como viventes. Viu pessoas agindo como donos dos que diziam amar, viu amores e amizades proibidas, viu sempre a palavra matar. Viu assassinatos, pessoas presas injustamente, viu outras abusando do anel que conseguiram roubar, viu gotas da pia caindo no chão, viu chaves encostadas nos cantos das mesas, viu camas separadas, viu pessoas escrevendo histórias terríveis e belas. Viu pessoas no alto e avante, viu momentos de agonia constante, que pareciam filmes e às vezes eram.

Maquena viu criaturas que já foram extintas, pôr e nascer do sol, tapetes de flores, lixos voadores, ícones da moda, jovens nas drogas, cabeças e punhos nas paredes, antes e após fotos e fatos,

festas, várias contagens e promessas para um ano novo. Lareiras esquentando quatro e fósforos esperando quatrocentos. Viu pessoas se formando, realizando e fracassando, tentando e desistindo, esquecendo e conseguindo. Ela estava cogitando um novo acordo com o Bom Vento das Memórias, queria voltar a não ver tudo e nem lembrar de ter visto tudo, mas queria ao menos poder ver sua família. Antes que ela dissesse isso em voz alta, o Bom Vento das Memórias a puxou para uma porta a esquerda e era ali que a terra guardava as memórias sobre a vida de Maquena.

— Posso saber o que você pensa Maquena e vou te mostrar como é o mundo a sua volta. Como não é diferente de muitos do que viu, afinal viu quase tudo.

Como Maquena não viu tudo? O Bom Vento das Memórias sabe a dimensão e o impacto do tudo, coisa que eu, você e Maquena nem podemos mensurar, foge de nossa capacidade. O Bom Vento das Memórias sabia que devia mostrar as coisas mais importantes, mentia com frequência, mas era um bom ser, faz jus a seu nome. Alguns seres são nomeados de acordo com alguma característica marcante de sua personalidade, era o caso desse.

Maquena se viu, pela primeira vez viu a casa onde morava, viu-se bebê, viu seus pais fazendo sons para ajudá-la, viu-se brincando com amigos e primos, viu-se dando passos, viu-se sendo amada, sendo humilhada por estranhos e descontando em quem a queria bem. Viu a pior briga que teve com a mãe, viu agora que a fez chorar e se sentir incapaz, percebeu que fizera com a mãe o que faziam com ela. Agora Maquena pode ver que assim como ela sua mãe também não via, depois ela viu todo esforço que a mãe fez para cuidar dela e como todos diziam que ela era incapaz,

Maquena já havia chamado a mãe de incapaz, não pelo mesmo motivo, mas jogara sal na ferida aberta daquela que mais a amava e a entendia. Como a mãe deixou de dizer que não via tudo? O Bom Vento das Memórias disse que a mãe tinha medo que Maquena sentisse vergonha dela, já que desde pequena Maquena falava que não conseguia ver tudo e por isso se sentia incapaz, dizia que odiava viver consigo por não ver tudo. Nessa hora Maquena chorou muito, o Bom Vento das Memórias colocou um espelho na frente dela, mandou que olhasse e disse que se ela quisesse ver tudo bastava olhar para si e enxergaria tudo que precisasse para sempre, porém veria e sentiria as consequências e sensações.

Sem olhar, Maquena devolveu o espelho para o Bom Vento das Memórias e disse que

não queria ver mais nada, que tudo era muita coisa e preferia não lembrar disso. Assim se fez, Maquena voltou para seu quarto com um resquício de visão, pode ver o lugar onde dormia, a paisagem da sua janela, quebrou o espelho no qual fingia se ver, se deitou lembrando de tudo o que tinha visto e disse que nunca mais desejaria isso. Chorou. Foi ver seus pais e deitou com eles, abraçou os dois. Desistiu de não se aceitar ficou arrependida do que fez e, daquele dia em diante, ela mudou.

Fez isso porque percebeu o quanto tudo pode ser impossível de ser visto, pode ser cruel, pode ser mentira demais, pode ser verdade demais, pode não existir, pode ser uma ilusão, pode ser Fata Morgana.



Sobre a Autora:

Autora baiana, Kananda Gomes começou a escrever quando criança e não parou mais. Além de escritora também é estudante de Museologia na UFBA e criadora da página no Instagram @eu.e.minhas.ironias onde compartilha diversos textos com seus seguidores leitores.



Curso online: HISTÓRIA DE UMA VIDA

**GARANTA QUE GERAÇÕES FUTURAS
SAIBAM SOBRE A TRAJETÓRIA DE UMA VIDA.**

E se você tem dificuldades em algumas dessas questões, ou em outras relacionadas à escrita de uma biografia, saiba que elas podem acabar hoje.

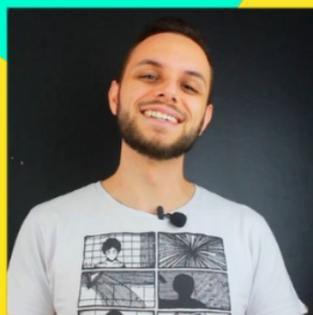
Porque este é objetivo do curso HISTÓRIA DE UMA VIDA - Como Escrever Biografias, Autobiografias e Livros de Memórias: é ajudar as pessoas a conseguirem escrever, sozinhas, a história de suas ou de outras vidas.



PROFESSOR DO CURSO

Vílto Reis

É autor do romance Um gato chamado Borges (2016), livro finalista do Prêmio SESC 2015, tendo contos publicados em diversas revistas online. Também fundou o Homo Literatus e esteve a frente do site por mais de 6 anos, além de participar de outros projetos como a RUSGA – Cursos Para Escritores, Editora Nocaute e a Revista Pulp Fiction. Apresenta o podcast 30:MIN e tenta manter seu canal do Youtube atualizado.



AO TENTAR
ESCREVER UMA
BIOGRAFIA, VOCÊ
CERTAMENTE SE
DEPAROU COM ESSAS
PERGUNTAS.

**Os leitores
vão gostar da
minha história?**

Por onde começo?

**Como vou publicar
este livro?**

**E se a história ficar
artificial?**

**Será que
ninguém vai
me processar?**

**O Curso História de uma Vida,
de R\$ 297, por apenas R\$ 247.**

**Com o nosso código exclusivo LITERATURA15,
você ainda tem 15% de desconto!!!**

**Mais informações do curso:
<https://go.hotmart.com/R41485997U>**





Dama das Dunas

por Lucas Eugênio

Ela era areia... Ela era o tempo, ela era o vento. Uma deusa perdida em sua humanidade, uma vagante do deserto. Lamentosa e entristecida era a sua alma... Em seu misterioso rosto, via-se uma expressão de profunda aflição. Ela era um ser errante, sabia disso. Os outros a amaldiçoavam, os homens e os mais-que-homens, aos olhos daquele mundo ela seria sempre uma alma penada, desgraçada e rejeitada aonde quer que fosse. Sua mãe a amara, mas seu pai a odiara desde o momento de seu nascimento, porque a sua concepção havia tirado a mulher que lhe dera à luz daquele mundo. Entre lágrimas e um sorriso cansado foi que a mãe se silenciou, e a fúria aquietada de seu homem, do pai, acendeu-se ali

Todos os irmãos de Danúbia também a odiavam, com exceção de uma. A única que lhe amara fora a irmã bastarda, Anle. Mas a morte levava Anle de Danúbia, e assim ela perdera a única criatura viva que se importava consigo. Todos a viam como um monstro, porque nela havia a marca de um velho mal, um velho deus, o deus caído, sua marca era um símbolo negro que significava "morte". Desde o momento em que nascera, Danúbia possuía este símbolo e ao longo de sua vida ele crescera, tomando partes maiores de seu rosto. Era uma sombra em sua testa, que descia através do nariz e se espalhava para os olhos, cujos orbes tratavam-se de verdadeiras gemas douradas, uma coisa de beleza sobrenatural. Na soma de todos os detalhes, era Danúbia uma criatura

assustadora, mas incrivelmente bela. Com o tempo, surgiram coisas em seu corpo, riscos escuros e desenhos sem significado algum. Ela era uma filha do deus caído, diziam os sacerdotes desde sua infância, e coisa boa isso não poderia ser. Decerto havia ruínas no sentido daquela vida.

Certa vez, um de seus irmãos lhe dissera:

– Você cheira a desgraça...

Danúbia chorou por conta disso e, na calada da noite, sua fúria galgou as escadas de sua mente. Ela desejou vingança, sim. Sonhou com o irmão, no sonho ela era poderosa e controlava um mar de serpentes. Danúbia fez com que as serpentes cercassem o irmão, sufocando-o num amontoado de figuras obscuras. Pela manhã, ela descobrira que uma serpente negra havia assassinado seu irmão, enforcando-o. Danúbia não disse nada sobre o sonho para ninguém, mas sabia que havia sido ela a verdadeira assassina do irmão.

Nenhuma criança se aproximava dela, nenhum membro da família desejava sua presença. Antes, todos a odiavam, mas também temiam. Temiam que a misteriosa manta de poder obscuro que envolvia a garota, pudesse destinar garras traiçoeiras contra eles. Os anciões lhes diziam para que não fizessem mal algum a Danúbia, caso contrário, um grande infortúnio poderia cair sobre o povo. Só os deuses saberiam o que uma criatura como ela poderia se tornar caso a morte lhe inspirasse grande revolta. Eles temiam pelo pior e, como tementes, tudo o que faziam era confinar Danúbia em sua amarga solidão.

Quando se tornou uma moça passara a

chorar mais. Acontecia que entendera de todo entendimento, muito bem, a miséria que vivia. Não havia amor em sua vida, apenas rancor e temor. Foi então, que tomada por grande angústia, Danúbia decidiu ir-se embora. Levantou-se numa bela noite de sua cama, a lua cheia brilhava no céu e as estrelas povoavam a imensidão azul sobre o deserto. Danúbia caminhou para fora de seu quarto, depois caminhou para fora de sua cidade e então, continuou o seu caminho. Alguns sacerdotes haviam observado sua fuga e muito contentes deram graças aos deuses. Um deles disse:

– Aí vai a filha da desgraça, que pereça nas sombras e não volte mais!

Danúbia sabia que eles haviam a observado e deduzira que haviam sentido grande apreço pela sua partida. De fato, ela sabia que estava certa.

Caminhara pelo deserto por dias e por noites. Sem se alimentar, sem beber nada. Estava apenas caminhando para a morte, esperando que ela a convidasse para descansar o descanso eterno mais cedo ou mais tarde. Talvez encontrasse sua mãe... “Será que ela me odeia?”, se perguntou e algo em si fez Danúbia ter uma certeza sobrenatural de que não, sua mãe não lhe odiava.

Agora, Danúbia se encontrava no meio de uma tempestade de areia.

Ela era uma das faces da morte, em seu rosto havia a insígnia do fim. Ela era a areia, ela era o vento, ela era o tempo. E estava entre as dunas.

A tempestade de areia era bela, Danúbia pensava. Mesmo em tamanho caos havia alguma poesia.

Ela encontrou uma caverna e então se abrigou nela.

Sentou-se lá e apenas abaixou a cabeça em silêncio, a morte logo viria lhe buscar. “Por que?” era a pergunta que se fazia. Por que havia nascido, por que havia sido amaldiçoada? Seria ela uma existência maldita tal como era o deus caído? Diziam todos que era ele o seu verdadeiro pai. Seria isso verdade? Perto de sua morte, Danúbia agora estava sentindo ódio. Um ódio que ela jamais sentira, um ódio que havia se acumulado durante anos. Ela berrava de fúria agora, ela desejava ser uma desgraça verdadeira agora, apenas para sangrar aquele mundo maldito.

Os olhos de Danúbia se enegreceram, conservando apenas as gemas douradas no centro. As marcas em seu corpo começaram a ganhar vida, ligando-se umas às outras e então, Danúbia foi inteiramente coberta pelo escuro e apenas seus olhos brilhavam amarelos.

A criatura se levantou, caminhando de volta para a tormenta de areia. Abriu os braços e se misturou. De seu corpo começaram a sair areias negras, estas se misturavam a areia comum. Então a areia negra apossou-se da areia comum, e logo nasceu uma colossal nuvem obscura, que se fundira na tempestade de areia, transformando-a em uma tormenta sombria. Era o caos negro, uma montanha das trevas em furiosa corrida.

A criatura que antes fora Danúbia, desabrochou no meio da monstruosidade, tornando-se uma com a tempestade. Dois pequenos sóis dourados surgiram em meio a escuridão, eram os olhos dela. Então, a desgraça tomou o deserto, devorando a vida nele. A montanha negra, a tempestade obscura, tomou a direção do antigo lar de

sua alma, se apossou dele e fez os vivos que ali haviam berrarem aos deuses pedindo por salvação. A vida fora tirada deles assim como eles haviam tirado a vida de Danúbia, que agora não era mais uma mulher, mas uma criatura. Uma coisa abominável.

A fúria da criatura havia tomado quase todo o deserto e seu povo, restavam apenas alguns lugares em preservação. O pesadelo estava prestes a tocar a cidade de Barnabá, mas então, algo o fez conter seu movimento. Era uma sensação estranha para a criatura, mas familiar para Danúbia. Ela sabia o que era aquilo... uma coisa quente, mas não para queimar. Uma coisa forte, mas não bruta. Uma coisa bela, mas não vaidosa. Uma coisa grande, mas não assustadora. Ao menos era como Danúbia sentia a coisa...

Isso era, isso era...

Isso era amor?

Ela podia sentir, vinha de Barnabá. Então, encontrando os restos de sua consciência, ela viu-se guiada até um lar. Ali vivia uma família, todos estavam juntos, dizendo palavras para o deus Marza, um deus diferente dos outros deuses. Ele era oriundo de uma terra distante, Danúbia o conhecera por conta de Anle. Por alguma razão, aquela oração havia chegado até o coração de Danúbia. Foi então que ela viu uma garota entre os braços do homem e da mulher, nela havia a marca do deus caído.

E Danúbia podia ver... sua irmã bastarda. Anle estava atrás da família, abraçando-os. Eles não sabiam disso, mas ela estava ali. Havia também outras duas pessoas, uma mulher sorridente e um homem de cabelos vermelhos. Eles também não

eram vistos pela família, mas Danúbia podia enxergá-los. A mulher era sua mãe, de alguma maneira Danúbia sabia. E o homem, ele era Marza, Danúbia estava em lágrimas, porque havia entendido o recado. Não havia desafeto entre aquela família, mesmo que a criança carregasse a marca do deus caído, eles claramente a amavam. Danúbia pôs os olhos na criança... uma borboleta fantasma cruzou seu caminho.

A borboleta era branca, feita de luz. Ela pousou no peito de Danúbia e ali ficou. Então, Danúbia ouviu a mãe da

garota dizer para ela:

– Vai ficar tudo bem... querida.

E Danúbia aceitou sua rendição.

A criatura, a desgraça obscura, morreu naquele instante. A tempestade de areia negra se dispersou, transfigurando-se em um mar de borboletas brancas. Aos que olhavam de Barnabá, a visão mostrava uma montanha branca em constante movimento.

Era belo.



Sobre o Autor:

Lucas Henrique da Silva Paiva, que assina artisticamente como Lucas Eugênio em homenagem ao avô, é apaixonado por fantasia e ama criar estórias!



Curso online: O HÁBITO DE ESCREVER

TÉCNICAS PARA ENTRAR NO RITMO

Você já ouviu em vários lugares que é preciso escrever todos os dias para ser escritor? Mas você não consegue, certo? A vida é muito corrida. E você se culpa por se sentir cada vez mais longe de seu sonho: tornar-se um grande escritor.

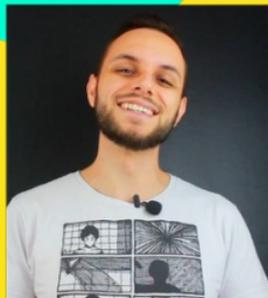
Então o curso HÁBITO DE ESCREVER é para você!



PROFESSOR DO CURSO

Vilto Reis

É autor do romance *Um gato chamado Borges* (2016), livro finalista do Prêmio SESC 2015, tendo contos publicados em diversas revistas online. Também fundou o *Homo Literatus* e esteve a frente do site por mais de 6 anos, além de participar de outros projetos como a RUSGA – Cursos Para Escritores, Editora Nocaute e a Revista Pulp Fiction. Apresenta o podcast 30:MIN e tenta manter seu canal do Youtube atualizado.



CURSO RÁPIDO
E BARATO!

Estruturado e roteirizado por Hédio Paiva – que escreveu mais de 300 dias seguidos em 2017

Menos de 20 minutos de duração!

Acelere sua curva de aprendizado como escritor!

Exercícios e técnicas práticos para o seu dia a dia!

Preço simbólico!

O Hábito de Escrever,
por apenas R\$ 7.

Mais informações do curso:
<https://go.hotmart.com/I41486037E>





Despedida

por Pablo Gomes

Ele desligou o carro, retirou a chave da ignição e, após uma breve pausa, a colocou de volta. Saiu. Não precisava mais se preocupar que alguém levasse o carro. Quem o faria? Olhou em volta e apreciou a beleza da desolada paisagem. A escuridão da noite se aproximava aos poucos, entre os prédios no horizonte oriental, mas, diferente de todos os dias, as luzes das janelas não acendiam.

Nas ruas, nenhuma viv'alma. Nos estacionamentos um carro ou outro sobrava perdido. Os demais seguiram com seus respectivos donos.

Era difícil de entender como se chegou àquele ponto. O que houve? O que poderia ter sido feito para evitar. Não sabia.

Fez a volta no carro e abriu o compartimento traseiro. Já estava cheio, mas, era preciso achar mais espaço. Lembrou-se da esposa, mais cedo, lamentando ter um carro popular, pequeno. E da sua resposta, lembrando que pelo menos possuíam um carro. Muitos tiveram que partir com o que conseguissem carregar em mochilas e nas mãos.

Mas, a quem queria enganar? Aonde iriam? Ninguém sabia! Logo, o tanque cheio de combustível estaria vazio, e não havia mais onde abastecer. O que fariam? Naturalmente, pegariam o que coubesse nas mochilas e nas mãos, como todo mundo.

Entrou em casa.

Tantas memórias, tantos objetos a muito custo comprados... tudo ficaria para trás. Não caberiam no carro, nem nas mochilas, nem nas mãos. Ficaria tudo para trás. Suas medalhas, conquistadas na juventude, as lembrancinhas feitas por seus filhos na escola, no dia dos pais... permaneceria tudo exposto em sua casa, como num museu sem visitantes.

Era preciso pegar alimentos. Foi para a cozinha. A dispensa não tinha muitas alternativas, então pegou o que lá havia. Não havia mais mercado para abastecer.

Tentava recapitular o que acontecera. Foi tudo muito rápido. Não teve aquele desespero de fim de mundo. Não houve

aquele atropelar de acontecimentos, aquela difusão de pessoas partindo em desordem e caos. Havia sido como um melancólico fim de festa, quando ninguém mais vê sentido em ficar. Todos sabiam que era insustentável. Inclusive ele! Por que ele resistira tanto a partir?

Matutava essas e outras questões, incapaz de encontrar respostas. Parecia agora óbvio que o desfecho seria aquele. Tudo parecia muito natural, naquele momento. Mas, não antes. Um dia antes, ele parecia encontrar esperanças de que tudo se resolveria. Três dias antes, ele não apostaria que as pessoas deixariam tudo para trás. Uma semana antes, ele



jamais acreditaria se dissessem que algo assim um dia aconteceria.

Olhou para o violão, e largou todos os alimentos de lado. Tinha que levar o violão. Talvez, aquele objeto fosse aquela coisinha capaz de livrá-lo da loucura. Mas, por quanto tempo? As cordas velhas, que ele tanto postergara trocar, não durariam muito. E não. Ele não conseguia encaixar o violão e o alimento no carro. Que sandice! Precisava voltar a si. Largou o violão.

O que justificaria as grandes metrópoles virarem verdadeiras cidades fantasma?



Recolheu os alimentos, novamente. Levou para o carro, e reorganizou tudo o que estava lá dentro. Não caberia mais uma lâmina de barbear dentro do veículo, sem provocar um transbordamento. E ainda tinha de caber sua esposa e os dois filhos, de algum modo espremidos lá dentro. Será que os encontraria?

O céu estava escuro, agora. Nada fora do normal com a iluminação pública. Um poste com problemas, piscando; outro ali e mais um acolá com a lâmpada queimada. Mas, nenhuma casa ostentava lâmpadas acesas. Só a sua.

Ninguém nas ruas outrora tão movimentadas.

Desolador.

Solitário.

Tomado de uma angústia profunda, entrou no carro, girou a chave, acendeu os faróis e deu partida. É agora ou nunca!

Como a todos ocorrera, também seu tempo ali já era. Partiu.

Sobre o Autor:

Pernambucano nascido em Caruaru e radicado no Recife, o poeta, contista, cronista, romancista e aventureiro Pablo Gomes é também ator, além de criador e editor do Literatura Errante.







Tráfico de Palavras

por Luis Alladin

A manchete no jornal dizia assim: “Na mão uma arma. Com o tambor do revólver lotado de munição, doido pra disparar e para encher a cabeça de alguém com seus contos. Seus olhos estavam regalados, pelo jeito estava sob o efeito de entorpecentes, devia ter cheirado João Cabral, bebido Manoel bandeira, ou até mesmo o pior, injetado nas veias Machado de Assis.”

— Vai lá saber! Esse mundo de literatura é assim mesmo! Os traficantes ficam ali rondando as praças, como se não quisesse nada e aí soltam à primeira poesia. O garoto vê aquilo, começa já achando estranho, nisso o poeta vai se chegando, mostrando outra poesia e, quando você nem imagina, está lá seu

filho dentro de casa usando papel. Aí é aquele negócio, usam a primeira vez, acham legal e, depois da segunda meu amigo, não param mais! Começam a frequentar saraus, a se reunir em praças, vão passando palavras um pro outro. Isso não tem cura! Não há clinica de reabilitação que resolva, é disso para pior!

Entrar nesse mundo é perder a vida, vê o filho da Tereza! O menino educado, só vivia na igreja. Conheceu um tal de Sérgio Vaz e perdeu-se nesse mundo, faz bem um mês que ninguém vê falar mais dele, dizem por aí que ele publicou um livro. Deve estar em alguma esquina dessas vendendo e cheirando poesia. Mas é bom ele longe mesmo, Deus que me livre! Se ele

aparecer por aqui eu chamo a polícia, não vou arriscar ter ele por aqui não! Vai que ele leva um filho meu pra essa vida de crime. Se for preciso eu mato, enfio a faca! Viro o cão! Mas filho meu não! Ele não vai entrar nessa de ser poeta não!

Esse aí, que passou no jornal, graças a Deus foi preso. Tenho certeza ele não ia fazer o bem não! Imagina ele entrando nas escolas, disparando contos por todo lado, esfaqueando versos, envenenando verbos na merenda da escola, induzindo a metáforas nas portas do colégio. Vige nossa senhora! Ainda bem que esse aí não vai fazer mal pra ninguém mais não!

Eu só tenho é pena da mãe dele, com um filho viciado desse, mas pode ser que até ela seja uma viciada. Eu vi uma notícia falando que, 60% dos casos de viciados em literatura, se viciam por causa dos pais, diziam que até bibliotecas eles tinham em

casa. Olha fico me tremendo todo só de ouvir isso! Que crueldade é essa minha gente! Você mesmo induzir o seu filho a se drogar. Desse tipo de gente quero é distancia, distância de mim e do meu filho! Nem quero ver esse tipo de gente na minha porta, quer usar use, mas não na frente dos filhos dos outros. Mas deixa! A vida é deles, estraguem como quiserem! Só não venham querer influenciar meus filhos, que se isso acontecer aí o bicho vai pegar pro lado desse povo.

Gosto nem de pensar em um filho meu metido nessa coisa de poesia e, se tiver, eu expulso de casa! Quero nem ver essas coisas lá em casa, de saber que tem gente batendo na porta pedindo um pouco mais de palavras. Lá em casa não! Lá não é biblioteca, lá dentro não vai ser centro pra traficante vender suas métricas! Lá é casa de gente honesta, trabalhadora, não é lugar pra essa besteira de poesia.



Sobre o Autor:

Pernambucano, ator, produtor cultural e escritor. Escreve versos desde a infância, mas entrou de cabeça na literatura quando começou a frequentar os saraus. Hoje ele se dedica a escrever seus textos e a produzir eventos culturais na região, preservando espaços de cultura de resistência.



Curso online: **COMO ESCREVER CONTOS**



PROFESSOR DO CURSO

Vilto Reis

É autor do romance *Um gato chamado Borges* (2016), livro finalista do Prêmio SESC 2015, tendo contos publicados em diversas revistas online. Também fundou o *Homo Literatus* e esteve a frente do site por mais de 6 anos, além de participar de outros projetos como a RUSGA – Cursos Para Escritores, Editora Nocaute e a Revista *Pulp Fiction*. Apresenta o podcast 30:MIN e tenta manter seu canal do Youtube atualizado.

APRIMORE SUA ESCRITA ESCRIVENDO CONTOS

Qual foi a última vez que você acabou de escrever uma história? Conseguiu transformar sua ideia em um conto, crônica ou romance? Foi parado pelo bloqueio criativo? Como desenvolver? O que está faltando? Como escrever contos? Então você precisa aprender algumas técnicas de vencer a si mesmo.

O conto é o melhor caminho para isso.

REVELE O
ESCRITOR DE
CONTOS QUE
EXISTE EM VOCÊ!

**CURSO
100% ONLINE:**
Compre e saia
assistindo de onde
quiser, quantas vezes
precisar.

**ASSISTA
QUANDO QUISER:**
Aprenda no seu
tempo, quando bem
entender.

4 MÓDULOS
Tendo como base
ensinamentos de
grandes contistas
consagrados

**Garantia de 7
dias, como
todo curso da
RUSGA**

CERTIFICADO:
Baixe o certificado
de conclusão e
coloque em seu
currículo.

**O Como Escrever Contos,
por apenas R\$127.**

**Com o nosso código exclusivo LITERATURA15,
você ainda tem 15% de desconto!!!**

Mais informações do curso:
<https://go.hotmart.com/W41486010G>

Mulher-lua

por Laís Correia



Sou noturna, mulher-lua, filha do oriente
Nasci em outubro, ao findar de um poente
Fiz na areia o meu sanctum celestial,
Cristal violeta posto num pedestal
Sou praia à noite, luz azul, lua cheia
Sou praia à tarde, céu lilás e lua vermelha
Às vezes cigana, às vezes índia, uma vez sereia
Carrego raízes de mulheres fortes
Um sussurro me diz sobre o amanhã
Não temo tempestades, sou moça e anciã
Notívaga, vagante pela madrugada
Meus olhos-esmeraldas são janelas
Que se abrem para a estrada
Sou noturna, mulher-lua, filha do oriente
Sou praia à noite, luz azul, lua cheia
Sou um corpo no mundo
Uma estrela que nasce
Uma aurora
Um grão de areia

Falena

por Leandro Costa

Sim ela vem!
 Vem sobre o trovão,
 Ela vem!
 Na aljava traz seus raios,
 Ela vem!

Seu vestido de viúva:
 é de nuvens.
 Seus adornos e seus brincos:
 telúricos.
 Vem chorar sua tristeza
 sobre mim.

Procela de lágrimas acres,
 Do fado do vale é a voz
 Que varre da vida o viço
 Qual silencioso algoz

Nem deusa, nem anjo o é
 De Eva é filha que chora
 Comigo uma grande saudade,
 Do Éden de onde saiu.

Seu canto altivo ouvi
 Porque canta dentro de mim
 As dores amargas da bÍlis
 Nas cordas de uma guitarra

Ó seu caminhar inaudível
 Com um não passar se parece
 E a dura demora que imprime
 Ó faz pela mão do devir

Quem me vê com ela a cismar
 Dirá que padeço, nas trevas,
 De uma minguante doença
 Que me desfigura o rosto.

Aguardo, porém outra forma,
 Um outro, de mim, nascerá
 No Reino do Sol que trará,
 As chaves de outros jardins.

Então ela irá para sempre,
 Com a velha forma de outrora,
 Morar no sem fim do sem fim.



Sobre Lonjura

por Lis Tine

Sobre esse tema
É fácil um poema
Após tanta carência
É mestre em tal ciência

Conviveu com a tortura
Ficou presa no embaraço
Aprendeu que lonjura
Não é medida pelo espaço

Foi ainda ridicularizada
Pensou que entender a razão seria bacana
Do que levava alguém a rir de uma linda carta
E dispensar sua autora ardendo em chama

Desse dia até atualmente
Completaram-se quase dez anos
Mas, se anima mentalmente
Por acreditar que o destino faz planos

Guarda as fotos dele virtual
Para suprir seu lado apaixonado
Sabendo que não é real
Suplica por contato

Seja por tato
Seja por voz
Tudo está planejado
Para estarem a sós



Neurótica fica só de imaginar
Em vê-lo despido
Caótica tende a estar
Ao recordá-lo tão exibido

Não se contenta mais
Com curtida ou visualização
Seu 'eu' clama demais
Por investida e aproximação

Ausência e desejo
Não combinam
Carência e desprezo
Apenas judiam

Se ela contasse
Ô quanto se arrepende
Se ela confessasse
Tudo que não a preenche

E que nunca hesitou
Nem mesmo em se mudar
Ô que de fato a impediu
Foi a ambos respeitar

Por mais que tinha loucura
Havia cuidado e espera
Isso foi comprovado na doçura
De uma confissão dura e sincera

Onde há verdade, há oportunidade
Onde há paciência, esperança
Onde há respeito, bonança
Onde há desprezo, segredo

Observe o dia a dia
Compreenda a efemeridade
Acabe com essa agonia
Mata de vez essa saudade!

Soneto Revelado

por Daniel Cosme

Minha nação, minha flama real,
Com seus eixos de sangue alegre,
A esconder-se entre todo o mal
Deste reino de estranhas preces,

Diga-me que medo poderia erguer,
Em favor da fuga, o meu coração,
Que bate aqui por puro bater
E pulsar é toda a sua conclusão?

Em algum canto dentro de mim,
Como um fio d'água passa a ferir
A longa terra, em curto tempo:

Uma voz responde: "Não Innisfree
E nem Pasárgada te falam, em ti;
Tu questionas teu próprio medo."

Verso Errante

por Pablo Gomes

Escrevo meu verso
Em tributo à arte
Escrevo meu verso
Tributário ao amor
Escrevo meu verso
Pensando em política
Escrevo meu verso
Pensando em alguém
Escrevo meu verso
No transbordar de um sentimento

Escrevo cada verso
Esperando que o leiam
Escrevo cada verso
Crendo que não o lerá
A pessoa em que busquei inspiração

Escrevo o verso
Se não gosto, reescrevo
Escrevo o meu verso
Se não gostar...
Não importa!
Publico-o porque é verso!
Publico-o porque é arte!
Goste ou não, é arte
E arte pede público
Por isso, publico
O meu Verso Errante!

Poetas Errantes

Lais Correia (Mulher Lua):

Natural de João Pessoa - PB, Laís Correia é Graduada em Letras Clássicas pela UFPB. Apaixonou-se pelas palavras desde a infância, publicou contos e poemas em revistas e antologias literárias, e teve seus trabalhos selecionados em diversos concursos literários do país.



Daniel Cosme (Soneto Revelado):

Daniel Cosme é graduando em Letras - Português, na UFPE, desde 2018. Vem escrevendo poesia há não mais que três anos, com variados interesses estéticos, e envolvido com temáticas relacionados ao encontro e desencontro, medo e esperança. Crê que a poesia é um espaço livre de pecados.



Lendro Costa (Falena):

Poeta e contista da Terra dos Verdes Abutres da Colina: Santana do Acaraú, no Ceará, terra de onde tira inspiração para a escrita. Seus versos e contos são marcados por metáforas, simbolismos, memórias e descrição psicológica de seus personagens.



Sobre o Autor:

Pernambucano nascido em Caruaru e radicado no Recife, o poeta, contista, cronista, romancista e aventureiro Pablo Gomes é também ator, além de criador e editor do Literatura Errante.



Lis Tine (Sobre Lonjura):

Natália Dias é Técnica em Informática para Internet e Contabilidade. Bacharel em Administração e estudante de Especialização em Pedagogia Universitária na Universidade Federal do Triângulo Mineiro. Ama e escreve poesias e outros gêneros desde a infância.



Perfil Escritores: Laurentino Gomes

por R. Lorry



José Laurentino Gomes (Maringá, 17 de fevereiro de 1956) é um jornalista e escritor brasileiro. Formou-se em Jornalismo pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Possui pós-graduação em Administração de Empresas pela Universidade de São Paulo (USP) e fez cursos na Universidade de Cambridge, Inglaterra, e na Universidade de Vanderbilt, Estados Unidos. Trabalhou como repórter e editor para vários órgãos de comunicação do Brasil, incluindo o jornal *O Estado de S. Paulo* e a revista *VEJA*.

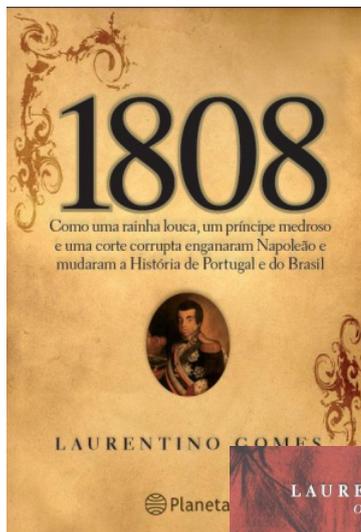
Tornou-se famoso como escritor graças à sua autoria do best-seller *"1808 - Como uma rainha louca, um príncipe medroso e uma corte corrupta enganaram Napoleão e mudaram a História de Portugal e do Brasil"*, livro que narra a chegada da

corte portuguesa ao Brasil. Em 2008, o livro recebeu o prêmio de melhor ensaio da Academia Brasileira de Letras e da 53ª edição do Prêmio Jabuti de Literatura na categoria de livro-reportagem e de "Livro do Ano" da categoria de não-ficção.

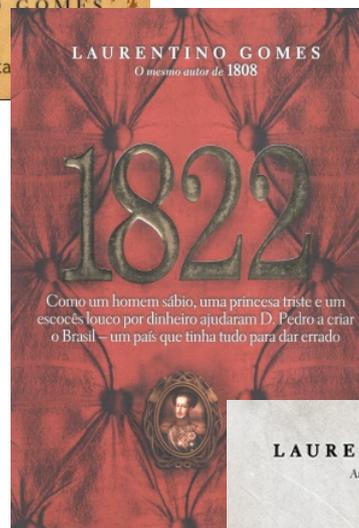
Em 2008, a Revista *Época* elegeu Laurentino uma das 100 pessoas mais influentes do ano, pelo mérito de conseguir vender mais de meio milhão de exemplares de um livro de História do Brasil.

Em 7 de setembro de 2010, faz na Bolsa Oficial de Café, na cidade de Santos, o lançamento nacional da obra *1822*. Data que marca também o aniversário de 88 anos do edifício da Bolsa.

Ao fim de março de 2012, a Globo Livros anunciou a assinatura de contrato para o lançamento do próximo livro de Laurentino 1889, livro que chegou ao mercado no segundo semestre de 2013. A tiragem inicial foi de 200 mil exemplares. Sobre a obra, Laurentino diz: “No terceiro e último volume da série, explico porque o país permaneceu como a única monarquia das Américas, por mais de 67 anos e mostro como foi a Proclamação da República, em 1889”.



Em maio de 2015, anunciou uma nova trilogia, que abordará a escravidão no Brasil. O primeiro dos três livros foi lançado em 2019, e o último está com lançamento previsto para 2022.



Sobre o Autor:

R. Lorry, luso-brasileiro, vive no Rio de Janeiro e escreve contos e histórias do gênero Terror/Suspense/Thriller. Publica também na plataforma Wattpad.



Curso online: CRIAÇÃO DE PERSONAGENS DE FICÇÃO!

FAÇA SEUS PERSONAGENS INESQUECÍVEIS

Você pode criar personagens verossímeis e únicos, que podem agradar seu público e ficar na memória de seus leitores. Pode introduzi-los de forma criativa, e apresentá-los de maneira interessante.

Se você tem dúvidas sobre como fazer tudo isso, CRIAÇÃO DE PERSONAGENS DE FICÇÃO é o curso recomendado para você!



PROFESSOR DO CURSO

Vilto Reis



É autor do romance *Um gato chamado Borges* (2016), livro finalista do Prêmio SESC 2015, tendo contos publicados em diversas revistas online. Também fundou o site *Homo Literatus* e esteve a frente do site por mais de 6 anos, além de participar de outros projetos como a RUSGA – Cursos Para Escritores, Editora Nocaute e a Revista *Pulp Fiction*. Apresenta o podcast 30:MIN e tenta manter seu canal do Youtube atualizado.

SE VOCÊ TENTOU CRIAR PERSONAGENS, COM CERTEZA SE FEZ UMA DESSAS PERGUNTAS.

E será que ele vai ficar verossímil?

De que forma criar uma personalidade única?

Como introduzir um personagem na história?

Eles ficarão na memória de quem leu o livro?

Os leitores vão gostar dos meus personagens?

O Criação de Personagens de Ficção,
de R\$ 197, por apenas R\$ 127.

Com o nosso código exclusivo LITERATURA15,

you ainda tem 15% de desconto!!!

Mais informações do curso:

<https://go.hotmart.com/I41485926F>

Prefácio, Prólogo, Epílogo e Posfácio

por R. Lorry



Nos livros que nós lemos, frequentemente o começo e o fim têm um nome diferente (prólogo, epígrafe, prefácio, posfácio), e isso muitas vezes confunde as pessoas, não só os leitores como até alguns autores. Para sanar tais dificuldades, trazemos uma breve, embora eficaz explicação:

PREFÁCIO:

Deve ser inserido no início do livro e vem antes do Prólogo.

Pode ser escrito pelo próprio escritor ou por outra pessoa que leu o seu livro/original. É um texto onde você ou outra pessoa dão sua opinião sobre a obra.

PRÓLOGO:

Se encontra no começo do livro.

Pode escrever uma cena que antecede sua história ou uma cena que ainda ocorrerá (descrevendo ela em detalhes no Prólogo

sem precisar conta-los no meio da história ou vice e versa).

EPÍLOGO:

No caso de finalizar, de vez, sua história, o Epílogo é usado para narrar um fato depois do fim.

POSFÁCIO:

Como o próprio nome já diz, é quase o mesmo que Prefácio, porém, vem ao final do livro, onde o escritor ou outra pessoa diz o que achou da obra, uma explicação de seu próprio ponto de vista.

Sobre o Autor:

R. Lorry, luso-brasileiro, vive no Rio de Janeiro e escreve contos e histórias do gênero Terror/Suspense/Thriller. Publica também na plataforma Wattpad.





Minhas impressões sobre a escrita

por Guto Domingues

Minha Primeira Regra (talvez única): não desconsidere sua experiência. Sua vida, suas histórias. Tudo é repertório, tudo é jornada, tudo é uma eterna busca de respostas. Qualquer conselho, que escritores, desde o mais simples até o mais sofisticado possam lhe dar, é perpassado por empirismo, vida e experiências pessoais. Ninguém pode falar de algo que não experimentou (digo em percepções sensoriais). Já pensou em descrever como é o gosto de uma maçã? Ou o prazer de sentir a água gelada de um rio ou o afago de uma brisa leve em seu rosto? Como definir emoções, sentimentos, lembranças? Então, não desvalorize a sua própria experiência. Mas junto a essa regra, aprenda com a experiência do outro. Observe.

Grosso modo a escrita é só o registro. O livro é só um suporte, uma tecnologia. Antes de aprofundar conceitos, pense em um passado remoto onde tudo era transmitido oralmente. Não deixa de ser literatura, essa, é em si a arte da palavra. Por definição, a transmissão oral é literatura. Mas sem registro informações se perdem. Pense no pastor que risca uma vara ao fim do dia para conferir se todas voltaram ao cercado. Talvez a escrita tenha surgido pela necessidade de transmitir ou guardar informações.

Bom. Acho que estabeleci os pontos que vamos refletir: Experiências, vivências, observação e registro.

Um bom escritor não é aquele que apenas domina as técnicas de registro; linguagem,



gramática, semântica, etc. Antes de tudo, ele deve ser um grande observador, um coletor de histórias, um pesquisador do humano e, com isso, de seus sentimentos, ações, escolhas, filosofias, etc. A leitura provoca no leitor respostas físicas. A leitura cria uma empatia, nos colocamos no lugar do outro, nos imaginamos na pele do herói ou do vilão. Choramos, rimos, ficamos com raiva, nojo, indignação. Há necessidade de uma experiência leitora, óbvio. Vivemos a vida do outro. Quando isso não acontece esquecemo-nos do livro, da história, do nome dos personagens. E partimos para um próximo que nos preencha.

Piegas? Não. Isso já foi testado. Há estudos sobre essas respostas. E isso prova que o principal de uma boa história é a profundidade emocional dos personagens. Não é só uma questão de perfis físicos, cor de pele, cabelo, altura, peso. Mas o que importa é você ser capaz de prever as reações dos personagens, entender como ele pensa e ou como reagiria frente a essa ou aquela situação. Claro. Isso não é regra. Nada é regra. Falo regra como a receita absoluta que vai resolver tudo. A panaceia divina. Não há remédio que cure tudo. Mas há conversas que dão alento.

“ Tudo é repertório, tudo é jornada, tudo é uma eterna busca de respostas. ”

Aceitei o convite de escrever para esta plataforma em função de um aspecto que acho fundamental. Em um blog há a possibilidade de conversar, comentar, interagir. Esse foi um texto de apresentação, de entrada nesse mundo imenso. Espero continuar em breve.

Que a fogueira não se apague e nossa conversa gere ideias, inspirações, respostas.

Até mais.

Sobre o Autor:

Violonista, escritor, cinéfilo, leitor compulsivo, fã de Quadrinhos, Conan, Star Wars, etc. Escreve desde pequeno além de ter passado os últimos 35 anos com um violão no colo.





Afro-Horror: Antologia de contos viabilizada por meio de financiamento coletivo será lançada em breve.

por Pablo Gomes

Fundos foram arrecadados com sucesso em site de financiamento coletivo, para realizar a publicação da antologia de contos AFRO-HORROR. O projeto, encampado pela Cartola Editora, ambiciona explorar o medo e o horror para além do lugar-comum, do usual e, especialmente, para além do sobrenatural. Um terror ainda mais assustador: o terror vivido na vida real.

"O mundo é um lugar que dá medo. Cada virada de esquina, cada beco escuro, ou até mesmo uma estrada deserta, esconde um perigo, um mal que pode, de uma hora para outra, ceifar nossas vidas ou, nos piores casos, conduzir-nos para uma espiral de loucura e horrores. E não precisa sequer ser um monstro saído das páginas do Necronomicon, ou haver lua cheia, pois,

se você for negro, e estiver no lugar errado e na hora errada, o mal virá não como um fantasma, não como um lobisomem, e sim como uma mente perversa e racista, sedenta por seu sangue, faminta por sua dor.", explicam os realizadores.

AfroHorror - Medos ancestrais é uma coletânea de contos escritos por autores negros. Através de 17 histórias variadas, 12 escritores se aventuraram pelo medo, a mais primitiva e racional de nossas emoções, que existe para nos manter vivos, mas também tem o potencial de nos levar para a perdição.

Mais do que relatos sobre assassinos, monstros, loucura e misticismo, cada história carrega a intenção de debates mais profundos, sobre racismo, identidade

e pertencimento. Cada um dos autores contemporâneos teve total liberdade na abordagem do medo, contudo a cada um foi pedido para se inspirar em produções recentes do cinema de afrohorror, a exemplo de *Corra!* (2017) e *Nôis* (2019), ambos dirigidos pelo cineasta Jordan Peele, além de referências culturais variadas. O resultado são narrativas que recontam clássicos da literatura mundial ou lendas típicas do Sul ao Norte do Brasil.



SUCESSO:

A campanha no Catarse foi encerrada com arrecadação de 132% da meta estabelecida.

Os motes dos contos podem tanto nos remeter a um terror fantástico como a algo real e possível. Isso não é mera coincidência. "O horror proposto aqui é um horror que pode ser tanto imaginário quanto real, e a linha tênue entre fantasia e realidade é tão fina que sonho e pesadelo se confundem.", explicam os realizadores.

“

E lembre-se: evite ruas desertas e nunca ande só. Principalmente se você, assim como os personagens desses contos, não tiver a pele branca.

”

Sobre o Autor:

Pernambucano nascido em Caruaru e radicado no Recife, o poeta, contista, cronista, romancista e aventureiro Pablo Gomes é também ator, além de criador e editor do *Literatura Errante*.





ANTERROS

Caso Inicial

por Gabriel Soares

A comemoração se fazia no pátio da delegacia, a nova delegada era apresentada. Os policiais reverenciavam a velha amiga de escola, que jamais imaginariam ver na posição atual.

Ao sentar-se na cadeira do gabinete, recebeu o primeiro presente. A caixa artesanalmente decorada não trazia remetente. Abriu com olhos atentos e, ao levantar a tampa, avistou o absorvente manchado.

Ficou calada enquanto Danilo, o estagiário que lhe entregara a encomenda, lhe observava. Levantou-se rapidamente e correu à rua, tentando avistar o entregador. O estagiário a seguia, descendo pela rua lateral da delegacia,

à beira do rio, mas sem sucesso.

Ao retornarem, foram abordados por um dos investigadores.

– A Carla desapareceu.

– Como assim? Ela estava aqui hoje?

– Até o momento da posse, sim.

– Já revistaram todo o prédio?

– O Freitas ainda está procurando, mas já rodamos o prédio todo.

– Olharam as câmeras?

– Que câmeras? Está achando que isso aqui é capital?

– Fala direito comigo. E eu não estou

achando nada, quero todo mundo atrás dessa investigadora agora. Tavares, ligue para a casa dela.

O investigador desceu as escadas e entrou na viatura. A delegada e o estagiário foram direto ao telefone.

– Bom dia, dona Celma, aqui é a delegada Lucena. Estamos querendo saber se aconteceu alguma emergência na família ou algo para que a investigadora Carla sáísse daqui sem aviso.

A resposta negativa ascendeu-lhe uma preocupação.

– Danilo, você lembra do rosto de quem entregou aquela caixa?

– Se eu vir eu reconheço.

– Vamos procurá-lo agora.

Foram na direção dos poucos motoboys da rodoviária, perguntando aos que encontraram pelo rapaz procurado. Sem respostas, continuaram na direção do Mercado Municipal. Os feirantes, em polvorosa, anunciavam seus produtos com gritos ritmados. Em meio à balburdia da xepa, Elisa e Danilo procuravam avistar um sujeito tão comum e desconhecido que até desacreditavam da própria propensão de encontrá-lo.

Andavam atentos ao canto do Mercado, quando avistaram o dono de um dos quiosques noturnos entregando uma sacola a um jovem.

– Acho que é aquele. – Apontou o estagiário.

Saíram correndo em direção ao jovem que, ao ver a movimentação, partiu pela rua lateral do Mercado. Elisa gritou-lhe, ordenando que parasse. Continuaram pela rua dos Operários até que a delegada lhe desferiu um tiro.

A bala, apenas de raspão na perna, e a pedra irregular do calçamento, fizeram o jovem tropeçar e cair. Foi rendido pela delegada.

– Tavares, ligue para o Pereira e mande ele passar aqui agora.

Pereira, com a viatura, chegou e levou o jovem à delegacia. Elisa logo indagou o ra-paz.

– Quem é você e por que entregou essa caixa aqui?

– Tenho nada a ver com isso não dona.

– Perguntei quem é você e que diabos está querendo.

– Eu é que pergunto, dona...

– Delegada.

– Já chegou atirando nos outros.

– Primeiro, deixa de ser mole que a bala mal te arranhou. Segundo, quando um policial te mandar parar, pare. Agora fala que caixa era aquela.

– Não sei não, senhora. Só faço o que me mandam.

– Então aproveita essa sina de pau mandado e me responde. Quem mandou?

– Está curiosa, dona?

– Já disse que é delegada.

– Se essa caixa já deixou a dona desse jeito...

– Você está me achando com cara de que?

– Pode responder?

– Está achando que isso aqui é brincadeira? Então vou te mandar pro nosso brin-quedo. Pereira, pode levar. Vai passar o sábado na cela.

– E que direito de me prender a dona tem?

Elisa levantou-se e exibiu seu distintivo.

– Com o direito de delegada civil de Ecoporanga.

Ia saindo da sala quando o jovem, já sendo levado pelo investigador, disse:

– Problema não, amanhã eu saio. Quem está achando que é brincadeira é a senhora. Nem imagina o tamanho do esquema.



ANTEROS

Espectro Negro

por Gabriel Soares

Um dia após a prisão do jovem entregador, Elisa ainda pensava na última frase que ouvira do rapaz, quando seu devaneio foi interrompido pelo estagiário trazendo um advogado.

– Doutora, o doutor Saulo quer falar com a senhora.

– Obrigada, Tavares.

O advogado entrou e cumprimentou com um aperto de mãos a delegada.

– Elisa, eu vou direto ao ponto com você.

– Primeiro, deixa eu te lembrar que aqui eu sou delegada, não sua colega de escola.

– É disso que eu estou querendo falar, Elisa. Você está chegando aqui querendo que todos te vejam como uma autoridade que...

– Que eu sou. Saulo, não ache que estou sendo arrogante, mas eu não estou aqui só como uma menina da cidade e por mais que seja difícil me verem assim, eu sou uma autoridade aqui. Se eu ficar deixando vocês me tratarem de qualquer jeito, não vai dar certo.

– Se você for você mesma, vai ser melhor. Não tem que tentar se impor pelo distintivo.

– Tá. Mas não foi disso que você veio falar.

– Não exatamente, mas tem a ver. Eu vim como advogado do Vander, o rapaz em quem você atirou ontem e prendeu sem motivos.

– Ele entregou uma caixa com um absorvente manchado pra mim, fugiu da polícia e não obedeceu a ordem de parada.

– Ah, então só por causa de uma brincadeira dessas você atira no rapaz?

– Foi de raspão na perna, só pra ele parar. E isso não é brincadeira, Saulo. Isso foi um aviso. Algum bandido desses cantos está querendo me desafiar.

– Você tem alguma prova ou um indício que seja do que está falando?

Elisa suspirou, tentando fugir da resposta inevitável.

– Ainda não. – Respondeu, por fim.

– Então. Vai com calma, no primeiro dia atirando na perna de um rapaz, e negro ainda por cima, não vai te ajudar em nada.

– Quem te contratou?

– O que? – Titubeou o advogado.

– Esse rapaz não tem cara de ter condições de pagar advogado, além do mais, ele vai ser solto daqui a pouco.

– A família dele me procurou e eu fiz um preço acessível pra ajudar.

– Por causa de uma noite na cadeia?

– Elisa, você atirou num rapaz negro, no meio da rua, que não estava fazendo nada de mais, a questão é muito mais que uma noite na cela. Eles querem te processar.

– Como assim?

– Você sabe que o que fez pode ser encaixado como racismo.

– Sabe o que ele me disse quando fiz umas perguntas a ele? Que eu não sabia o tamanho do esquema.

– Isso é papo pra se fazer de machão.

– Você sabe que ele já é fichado, né?

– Elisa, eu só vim avisar. A gente se conhece desde a escola e eu torço mesmo pra que você dê certo aqui. Deixa esse rapaz de lado. Tanta coisa pra resolver aqui na cidade...

– Tem. Tem mesmo, Saulo. Eu, mais do que ninguém, sei o que precisa ser resolvido nessa cidade. E vou começar querendo saber por que você está protegendo esse cara. Está em algum esquema com ele?

– Está achando o que? Não estou aqui pra interrogatório não, e posso entrar em contato com a corregedoria se você começar a falar desse jeito comigo. Elisa, presta atenção, deixa de paranoia que aqui não é Serra e aqueles lados que você trabalhava não. Aqui é interior, noroeste, cidade pacata. Crime aqui é roubo de galinha, muro comendo terreno vizinho, briga de esquina.

– Até parece que você não é advogado aqui. Você sabe que aqui acontece tudo quanto é tipo de crime, igual em qualquer lugar. E eu não estou aqui pra focar só numa parte.

– Só vim conversar, espero que pense no que eu disse. Tenha um bom dia, qualquer coisa sabe onde é meu escritório.

Saulo saiu, enquanto Danilo entrava trazendo um café.

– E aí, o que ele veio fazer?

– Não acha que está muito curioso pra um estagiário não?

– Desculpe, doutora.

Elisa pegou a xícara e deu uma golada no café, já frio pela falta de conservação da garrafa e a demora de Danilo ao tentar ouvir a conversa parado na porta.

– Esse aí só me deixou mais desconfiada.

– Como assim?

– Tavares, você acha que o Saulo ia fazer desconto pra ajudar alguém?

– Ele está numa fase boa, reforma de escritório e da casa, carro novo...

– Ali eu conheço, nunca foi flor que se cheire.

– A senhora não está dizendo isso por que ele te enganou não, né?

– Está me achando com cara de que, Tavares? Acha que eu não sei separar as coisas não? Problema dessa cidade é que todo mundo sabe da vida dos outros.

– Desculpa, é que os boatos...

– É boato velho. Mania de todo mundo achar que mulher largada é mal amada. Tanta coisa pra fazer da minha vida pra eu ficar dando tempo pra homem.

– Eita, que a doutora não está boa hoje.

– Não estou boa com esse café frio e ralo. Trata de fazer um café decente.

– Pode deixar, delegada. – Disse, deixando escapar uma rasa ironia ao fundo.

– O que é? Achou que delegada ia ser mais mansa?

– Não... É que... Eu vou lá... – Gaguejou.

– Não disfarça que aparece mais. Desculpa falar desse jeito, é que a cabeça está longe. Essa visitinha do Saulo só levantou minha suspeita.

Nesse momento, Pereira e Freitas entraram na sala da delegada, que se encontrava com a porta aberta.

– Delegada, recebemos uma ligação anônima dizendo que viram uma movimentação estranha numa casa do Vale Encantado. Parece que dois homens puxavam uma mulher que parecia estar fardada.

– Prepare a viatura. Vocês vão na frente. Eu, o Gomes e o Saldanha vamos atrás.

Obedecendo ao comando de Elisa, Pereira e Freitas chegaram primeiro à rua próxima à indicada na ligação e foram recebidos por estampidos ao curvar a esquina com a viatura.



Sobre o Autor:

Capixaba natural de Ecoporanga, e radicado em Feira de Santana-BA; estudante de Pedagogia apaixonado por café, criança, história, arte e cultura brasileira, escreve desde criança. O gênero policial vem sendo seu novo foco na escrita.





ONDE
A NOITE
É MAIS
ESCURA

M. DEMÓSTENES

Voe

Cinco Contos
de Terror:

- Sombreado
- Aspirador
- © Executor
- © Revólver
- Cidade Vermelha

Conheça esta
coletânea de contos
de terror e suspense,
criada pelo escritor
Marcus Demóstenes.

E, comprando com o
autor, você recebe
o livro autografado!

ADQUIRA O LIVRO

COM O AUTOR!

(20% DE DESCONTO
NOS 20 PRIMEIROS PEDIDOS!!!!)

OU NA EDITORA FLYVE

<https://www.editoraflyve.com/?page=2>



A aldeia dos Magos Escondidos

Capítulo I

por Guto Domingues

Em um tempo antigo que não foi registrado em livros de história, houve uma guerra. Orcs, Humanos e Elfos lutavam entre si, alguns nem se lembravam da razão. Para poucos sábios magos humanos, aqueles que viveram o início da guerra, o motivo era vergonhoso.

Eles sabiam que a Vaidade e a Inveja dos Homens provocou a Guerra das Três Raças.

Os Homens se achavam mais belos e inteligentes que os fortes e poderosos Orcs; invejavam o Poder Mágico e a Beleza pura e celestial dos Elfos. E se viam ameaçados.

A única maneira de vencer os Orcs seria dominar as técnicas de Guerra, o combate direto era impossível, a força bruta dos Orcs era imensa. Então, deveriam aprender a fabricar e usar armas, forjar armaduras, afiar as lâminas das espadas. Por outro lado, vencer os elfos era também difícil. Como sobrepujar a magia com espadas? Como derrotar Elfos arqueiros com suas Flechas Flamejantes, Congelantes e que nunca erravam o alvo? Apenas aprendendo Magia a luta seria justa.

Assim, Homens nefastos e sem remorsos, aprenderam a construir armas, escudos,

imbuir pedras mágicas nas armaduras, envenenaram flechas, espadas, adagas. Encontraram livros de magia, aprenderam feitiços brancos e negros. Aprenderam técnicas de batalhas. Eles se prepararam para a Ofensiva em duas frentes. Atacariam Elfos e Orcs ao mesmo tempo.

Enfim, a Guerra acabou! Entre os mortos, milhares de Humanos, Orcs e Elfos. Não há vencedores em qualquer guerra. Só perdas, e muitas... Um Conselho foi reunido, com os líderes de cada raça, e decidiram unanimemente proibir a magia dos humanos, pois eles usaram-na de forma errada. Entretanto, a Magia não escolhe quem a usa; e, ao longo das batalhas, estudiosos descobriram que poucos humanos eram sensitivos à magia e podiam canalizá-la sem as palavras usadas para invocá-la. Estes magos de nascença foram mortos um a um. Matança que obrigou os poucos sobreviventes a fugir, a se esconder. Fingir que eram pessoas sem esse dom, que para alguns era uma maldição. Cada um desenvolvia um tipo de poder. Todos extremamente fortes em suas habilidades, mas se não treinadas e sem estudar os modos corretos de desenvolvê-las, ficavam inertes, adormecidas.

E a vida seguiu...

Aos poucos as histórias foram sendo esquecidas, memórias antigas acabam distorcidas, misturadas às invenções, lendas, mitos. Mas uma coisa nunca mudou: a Magia era proibida. Nem sabiam mais o motivo da proibição.

Entretanto não havia como impedir que crianças continuassem a nascer. E entre elas, nasciam aquelas que tinham a força em si. Quando o poder mágico despertava, eram escondidas, separadas de seus familiares, levadas para lugares onde os

caçadores de magos não poderiam chegar. Eram treinadas para fingir, esconder e nunca usar seus dons. Sempre que eram levadas para longe, para lugares onde ninguém poderia encontrá-las, havia um mentor, um mago antigo oculto, vivendo junto aos habitantes do lugarejo, para acolher e treinar as crianças nessa arte de dissimulação, de camuflagem.

Existia uma aldeia. Muito distante.

Essa aldeia era um porto seguro para magos por ela atraídos. Sim. Ir ao lugar não era uma escolha consciente. Era um chamado. Ao chegarem próximos, uma sensação de segurança e paz tomava aqueles que antes eram perseguidos. E assim se estabeleciam. Sempre em disfarces. Ao criar raízes no lugar, um se tornava o ferreiro, outro o padeiro, muitos arrendavam terras para plantar. Sempre escolhiam atividades onde força bruta era essencial ou que não necessitasse de amplos conhecimentos. Estudo e saber também eram ligados à magia. Parece-me que conhecimento em todas as eras é considerado perigoso. Então, dessa forma, tornavam-se úteis às pessoas do vilarejo e espantavam suspeitas com demonstrações de saberes passíveis de despertarem olhares e pensamentos curiosos.

Após a vida se nivelar a uma linearidade tal um lago onde a água não é acarinhada pelo vento. A paz primordial que sentiam transformava-se em novo chamado. Claro que os magos reconheciam outros magos. A magia era sentida. Mas faziam de tudo para anular essa força. Tentavam a todo custo serem invisíveis. Mas eles sabiam quem era quem. De todo modo era inevitável, assim desenvolveram códigos de comunicação. Em um futuro ataque poderiam ter que unir forças para defesa.

E a vida seguia.

Um dia um forasteiro apareceu.

Nesses momentos, quando há um evento novo que altera o cotidiano, o curso da vida prende a respiração.

No instante em que ele surgiu, não houve apreensões ou perguntas sobre seu passado ou interesses, mas quando ele começou a fazer perguntas, um alerta de perigo tomou conta de alguns mais desconfiados.

O Forasteiro não era diferente de alguns viajantes que cruzavam as estradas que rasgavam o vilarejo. Era o típico peregrino que buscava trabalho em outras paragens ou estava apenas de passagem em busca de outros destinos. Normalmente esses tipos ficavam um dia ou dois na estalagem que beirava a estrada principal e logo seguiam seu rumo. Ali ninguém ficava. Não havia trabalho que sobrasse vagas ou destinos religiosos ou coisa que despertasse o interesse de ficar. Um lugar para dormir, comer e seguir seu rumo se resumia a isso; e ninguém que morava ali, realmente criava as condições para que um desconhecido quisesse ficar.

Havia um interesse diferente nesse homem de fora.

Ele fazia perguntas, olhava os moradores com curiosidade. Andava calmamente observando cada detalhe do lugar. Tentava ganhar a confiança dos moradores nativos ou oriundos de outros lugares como ele. Demonstrava uma vontade de estabelecer morada. Alguns não se incomodaram, ao contrário de um ferreiro.

Esse ferreiro não era de se aproximar das pessoas em busca de amizade. Tentava

depender o mínimo possível de qualquer ajuda de seus vizinhos. Ajudava, trabalhava, mas mantinha uma distância, era até um pouco frio. Prestativo, ao dispor de quem precisasse, mas sem grandes gestos de amizade, sorrisos, abraços, conversas.

Quem observou a conversa que inesperadamente aconteceu se espantou. O ferreiro se aproximou do forasteiro e logo, sem tentar qualquer rodeio, disse:

— Quem é você e o que quer aqui?

— Sabe quem sou.

— Não afirme nada. Não me interessa quem é. Seu lugar não é aqui.

— Sabe que não oferece risco para ninguém. Que pode fazer um velho viajante em busca de morada e trabalho.

— Não me venha com essa falácia. Sabe que os que vivem aqui querem paz.

— Essa paz não será duradoura, meu amigo. Dê-me chance para conversar. Deixe que fale o que acontece nos sombrios corações dos homens belicosos. Não se omita. Quando a escuridão aportar aqui, não haverá muito tempo para aprontar uma defesa ou revide.

Houve uma silenciosa troca de olhares, um media e lia a face do outro. Pareciam se comunicar mentalmente. Não era possível ver movimentos, gestos que pudessem ser lidos. A leitura era da alma de cada um através de seus olhos fixados, vidrados de cada um.

Viraram-se e sem palavras pronunciadas foram cada qual para seu caminho. Quem assistiu ao embate de palavras, não entendeu nada. Talvez a menina que era

filha da antiga dona do armazém onde os dois se encontraram. Talvez um ou outro que passava por ali naquele momento. Mas os dois não deram conta de nenhuma dessas possibilidades.

A filha da dona do armazém, contou o que viu e ouviu para sua mãe assim que chegou à sua casa. Sua mãe não esboçou reação. Olhou a filha, para um lugar qualquer na direção da estante de livros e foi para a dispensa da casa. Retirou um objeto embrulhado em um pedaço de couro de serpente e após alguns segundos desfez o nó. A garota olhou por cima dos ombros da mãe para ver o que ela olhava tão quieta e concentrada. Uma varinha era o destino dos olhos de ambas. A mãe, ao perceber o

olhar interessado da filha, falou quase solenemente:

– Não imaginava que teria que voltar a usar isso, mas não temos mais opções. Pelo que me contou se essa conversa se provar verdadeira, é melhor estarmos preparadas.

O Ferreiro voltava inquieto para sua casa. Não imaginava que isso poderia acontecer: “Tantos anos escondidos e justo agora, quando tudo estava esquecido, esse infeliz aparece. Quem ou o que o trouxe aqui?” Mesmo desejando que o Forasteiro desaparecesse o mais rápido possível da aldeia. Essas perguntas precisavam de respostas.





A aldeia dos Magos Escondidos

Capítulo II

por Guto Domingues

Quem presenciou a conversa entre os homens não entendeu o que se passava. Perguntas sem respostas. Afirmações estranhas. Frases sem sentido. Houve quem dissesse que a conversa se deu mentalmente, que a disputa mental fora incrivelmente devastadora para ambos. Talvez por isso o debate tenha sido tão rápido. Os comentários se limitaram a isso.

Quem entendia o que ocorrera, preferiu se omitir. Não alimentou conjecturas, ou não deu ouvidos às conversas posteriores sobre a disputa. Queria mesmo que o episódio fosse esquecido.

O Ferreiro não saiu incólume da conversa. Tampouco o Forasteiro.

Devido ao embate, o Ferreiro, se retirou da Aldeia durante alguns dias. Quando precisava de algum insumo pedia para alguém lhe levar.

O Forasteiro também se recolheu à estalagem próxima à Taverna do Urso Albino. Só saía do quarto alugado para ir à Taverna comer e beber. Um dia, quando achou que o atendente lhe conferia mais confiança, resolveu puxar conversa:

— Aqui não existem ursos. Qual a razão

do nome?

– O antigo dono era albino, gordo e peludo. Urso era seu apelido. E ficou assim. Não tenho coragem de mudar o nome.

– Era seu amigo?

– Sim. Na verdade, era quase como um pai para mim. – disse o homem, enquanto cuidava de limpar a prateleira com copos de cerâmica e algumas canecas de madeira.

– Ele sempre morou aqui? – o Forasteiro queria fazer daquela conversa um simples passatempo, apenas para ter companhia enquanto comia. Mas parecia um interrogatório. Percebendo que o atendente ficara desconfortável com a última pergunta, deu graças quando outro homem entrou e pediu um pouco de guisado de porco com batatas e vinho para acompanhar.

O dono da taverna saiu para preparar a refeição e o Forasteiro baixou os olhos, focando-os em seu prato, desviando dos olhos curiosos do recém-chegado. A indiferença fingida não durou muito. O homem perguntou:

– Não lhe faço mau julgamento. A mim não interessa suas intenções. – disse de forma cortês.

– Não ofereço mal algum a ninguém. Apenas quero viver em um bom lugar. – disse o Forasteiro e após beber um pouco do conteúdo da caneca, fala com sinceridade – Viver em paz.

– Sou uma espécie de administrador daqui. Não estamos próximos o suficiente da capital do reino para obedecer-lhes as regras. Não fazemos questão de que nos notem. Por isso a desconfiança. Como a atitude demonstrada pelo nosso Ferreiro

deve ter lhe mostrado.

– Sim. Mas não tenho ressentimentos. Isso que aconteceu é justificável. Não se preocupe.

– Então aproveite a sua refeição. Vou deixar que tenhas a paz que deseja. Meu nome é Antônio.

– O administrador. – completou o Forasteiro adicionando um epíteto ao nome – Chamo-me Érico. Um prazer conhecê-lo.

– O administrador... – responde pensativo Antônio, analisando o apelido – Mais ou menos isso. Até mais. O prazer é meu. Fiques em paz.

Antônio afastasse para esperar a refeição e senta-se próximo a outra mesa encostada à esquerda da porta de entrada. Érico, que estava de costas para a porta, não podia ver onde Antônio estava. Não podia ver que os olhos curiosos do Administrador não desviavam um segundo sequer dele.

Érico termina a refeição, deixa uma moeda como forma de pagamento sobre o balcão de madeira e retira-se da Taverna. Ao passar por Antônio despede-se e diz que seria um bom momento para uma caminhada. O administrador concorda ao mesmo tempo em que é servido pelo atendente. Uma refeição é colocada sobre a mesa, o suficiente para alimentar umas três pessoas. Não lhe negava motivos à dimensão da barriga saliente, aquela comida toda era um exagero. Será costume cometer o pecado da gula? Será uma regra para ser político? Perguntava-se o Forasteiro. Entre pensamentos sem importância resolve explorar mais um pouco a aldeia. Embora esse passeio exploratório tivesse intenções específicas.

Nem se esforçou muito para descobrir onde ficava a forja. Não disse a ninguém que pretendia procurar o Ferreiro, sabia que se procurasse a oficina para algum serviço, as suspeitas seriam amenizadas.

Andou breves momentos, mesmo caminhando de maneira mais para apressada que lenta não imaginava que estava tão próximo da forja. O que lhe deu certa insegurança. Se realmente fosse lá, a morada do Ferreiro que procurava, deveria sentir a emanção da poderosa magia que ele possuía e que há poucos dias sentira. Ampliou seus sentidos e destravou suas defesas psíquicas. Fosse quem fosse o homem da forja, ele deveria estar preparado.

Chegando ao lugar. Sentiu uma vibração no tecido da realidade, como se alguma força fosse represada, camuflada. Em frações de tempo, onde olhos destreinados não seriam capazes de notar, fez gestos com as mãos para que em seu entorno se criasse um manto de energia protetora. Continuou aproximando-se e ouviu a voz já conhecida em sua mente.

“Não creio que fez esse feitiço de proteção.” “Sou tão perigoso assim?”.

“Não é!” Respondeu mentalmente. Mas sem desfazer o feitiço.

“Então por qual motivo fez um escudo? Estou de costas. É você quem está se aproximando. Sorrasteiro. Desconfiado.”

“Não imaginava que seu poder fosse tão grande.” “Repele a magia. Esconde a sua verdade.”.

— Não me julgue. — disse o Ferreiro. Virando-se com uma adaga incandescente em uma mão e um martelo na outra.

— Quem me julgou primeiro foi você. Não quero fazer disso uma disputa. Deixe-me falar o porquê de estar aqui.

— Seja breve. Não posso deixar esse metal esfriar. — disse olhando para a adaga.

— Prometo que serei, mas antes me deixe lhe dar um presente. — o Forasteiro retira uma placa de metal extremamente bem cortada nas beiradas, com algumas inscrições nas laterais e apesar de fosca, sem nenhum brilho, com uma beleza tal qual pedras preciosas. Os olhos do Ferreiro fixamente olharam para o metal. Sua cabeça se inclinou para trás, em uma atitude de quem entendia o que aquilo representava. Seus lábios apertaram-se. Suas mãos, de tanta força que faziam para segurar as ferramentas, ficaram brancas, com as juntas dos dedos nodosos saltando. Diante da reação prevista o Forasteiro disse cauteloso:

— Sei que conhece o que tenho. E por saber do que se trata quero lhe oferecer.

— Ninguém oferece algo valioso sem querer nada em troca. Não aceito sua oferta.

— Não lhe propus nada. Ainda..

— Sim. Isso eu tenho certeza. Ainda. — repetiu a última palavra tentando imitar a maneira que o Forasteiro a disse.

— Sinto que consegui nublar a mente a ponto de evitar minhas leituras. Você é tão ou mais possuidor de surpresas que um caminho desconhecido. Mesmo que não queria vou lhe falar.

— Então seja breve.

— Não vim aqui para pedir algo para mim.

Quero propor algo que valha a pena para todos os usuários de magia.

– A magia é proibida.

– Isso é uma falácia dos poderosos. Em sombrios aposentos palacianos a magia é usada para o mal. Preciso de sua ajuda para impedir que nos cacem.

– Já estamos bem escondidos aqui.

– Não se vanglorie de pequenas vantagens. A sombra chegará a todos os lugares.

– Essa conversa cheia de enigmas não me interessa. Fale logo. Impedir que você leia a minha mente também me impede de ler a sua.

Ø mago sorriu. Notava que a guarda estava baixando. Não sentia que a confiança do Ferreiro aumentava, embora isso pudesse ser interpretado conforme a conversa se desenvolvia. Ø que o Forasteiro imaginava era que a curiosidade do Ferreiro frente à procedência real do metal era o motivo da recente mudança de atitude do Ferreiro.

– Já sabe meu nome. Desse a você em nosso primeiro encontro e sabe também que procuro usuários de magia. Ø motivo de minha busca é alertar primeiramente e deixar defesas preparadas para inevitáveis ataques de soldados de elite do Reino. Em breve todas as aldeias e vilarejos, tão longínquos quanto esse, serão dizimados pelas forças de Bento II. Ele já se aliou aos Ørcs. Quer usar de tudo para atacar os elfos.

– Como? E a Trégua?

– Bento deseja matar magos ou sensitivos da magia. Assim planeja

enganar os Elfos, como se fosse uma guerra civil, um levante contra o Reino de humanos insatisfeitos com a Trégua. Mas na verdade a intenção é acumular poder e usar as almas dos mortos em uma guerra etérea.

– Não me venha com profecias religiosas antigas. Isso é apenas discurso para assustar crianças. Não há mais necromantes entre nós. Não há quem possa rasgar o tecido.

– Não é bem assim. Bento encontrou os Tomos Santos de Interon. Agora é questão de tempo.

Ø Ferreiro silenciou. Sentiu um ardor no peito. Ø ar entrava frio em suas narinas. Como se a simples pronúncia do nome dos livros santos lhe causasse reações físicas e espirituais. A magia antiga fora escrita em tempos imemoriais. Era poderosa. Era traiçoeira.

– Como posso te ajudar. - disse o Ferreiro, sem encontrar outras opções.

– Forjando uma espada de aço arcano imbuída com magia antiga.

Sobre o Autor:

Violonista, escritor, cinéfilo, leitor compulsivo, fã de Quadrinhos, Conan, Star Wars, etc. Escreve desde pequeno além de ter passado os últimos 35 anos com um violão no colo.





Até que a Morte Nos Separe - I

por Doug Noletto

Barnald Cornwell apoiou a lenha na ponta da árvore decepada e, com força e precisão calculada, desceu com o machado no centro, partindo a lenha em duas. Jogou ambos os pedaços para a pequena pilha que se formava ao lado e colocou o outro pedaço no tronco. O suor começava a escorrer pela face, embora estivesse no trabalho já havia algumas horas. O que ajudava era o vento, que até aquele momento, estava ameno e fresco, quase gelado. Ele olhou para cima, ajeitando o cinto em volta da cintura e calculando o tempo em que finalizaria tudo aquilo. Ainda faltava ir até o poço e bombear cinco latas de água. Depois colher um pouco de tabaco, já que a saca da outra semana estava no fim.

E por fim, arrancar a cabeça de uma galinha para a janta.

Isso era, de longe, a tarefa mais fácil. O problema era que eles não tinham mais nenhuma. Até uns cinco ou seis anos atrás, não seria nenhuma preocupação, já que uma carroça vinha da cidade carregada de animais todos os meses. Agora, com os últimos problemas —ou como diria Kirk Tosier, A Bagunça dos Cus de Ouro—, o envio de mantimentos para o vilarejo estava escasso. Barnald tinha esperanças de que as coisas voltassem ao normal assim que ficasse decidido quem iria sentar o cu no trono. Mas a esperança era um tipo de sentimento inútil naqueles dias, tanto quanto esperar que uma decisão sensata viesse daqueles homens.

— Mesquinhos filhos da puta — disse Barnald, enquanto jogava os pedaços de lenha devidamente cortados nas costas do burro. Deu um tapa nas costas do animal e foi caminhando, sendo seguido de perto

por ele.

Chegou ao poço alguns minutos depois. O silêncio na região já era uma entidade sólida, levando em conta as primeiras estrelas que surgiam no céu vermelho. Só um filhote de berwolg teria coragem de perambular pela floresta durante a noite, em especial agora que a guarda dourada havia sido afastada. Barnald precisava agilizar. Se o que diziam era verdade ou mentira, pouco importava, no entanto.

Ele estava é com saudades de Lessane.

Começou a bombear a água, vendo o bellissimo líquido marrom cair em bons jorros no balde de aço. Encheu o primeiro e pegou o segundo. Ao finalizar o processo, teve que se render à sede e beber um gole. A água desceu espessa pela garganta, caindo dura na barriga. O gosto já fora melhor, mas ele não podia reclamar. “Quando beber a Água do Cristal, terá horror do sabor que essa possui”, dizia o velho Garloff, enquanto agitava aquele cajado na cara de Barnald, tentando convencê-lo de que a água boa não podia ter sabor e muito menos cheiro ou cor.

— Minhas bolas — disse Barnald em uma risada disfarçada, enquanto amarrava as cordas pelas alças dos baldes. Jogou-os nas costas do burro. — Já está acabando, meu rapaz.

Certo. Agora o fumo e a galinha.

Para a sorte de Barnald, a árvore não ficava muito longe dali. Saiu em caminhada, puxando o burro pela corda e apertando o passo. Em pouco tempo, o céu vermelho assumiu tons mais escuros, algo próximo do roxo. E quando a Grande Árvore surgiu no meio da clareira central da floresta, a lua também havia se revelado, emitindo um brilho fraco e amarelado.

Barnald correu até a Árvore e colheu algumas folhas baixas. Todos diziam que as altas é que eram as boas, pois era lá que apareciam as flores. Mas Barnald não se importava. Ele gostava mesmo era de sentir a fumaça enchendo e escapando do peito. O resto era conversa.

Encheu um dos saquinhos que carregava no cinto, depois outro e depois o outro. Pronto e resolvido. Deu as costas para a árvore e correu até o burro, que esperava ansioso na saída da clareira. Ele puxou a corda, e dessa vez, não retomou a caminhada, mas, sim, continuou em ritmo de corrida. A galinha teria que esperar para o outro dia. A Noite se aproximava e ele tinha pressa.

Correr deu a ele a sensação de liberdade. Não havia nada pior que ser obrigado a caminhar quando algo estava bem atrás. Barnald conhecia bem a floresta, e enquanto corria, desviando de árvores, entrando e saindo de trilhas, subindo e descendo barrancos, já podia ouvir ao longe o som do vilarejo. Foi só quando sentiu a terra batida sob os pés que se permitiu caminhar. Ele havia chegado.

Algumas pessoas ainda andavam pelas ruas. Carroças de frutas, legumes e verduras carregadas por cavalos magrelos geravam o famoso “croc, croc” que tanto incomodava Lessane durante as manhãs. Barnald se embrenhou em uma viela e saiu em outra. O vilarejo não era grande, na realidade, era bem pequeno, tendo no máximo duzentas pessoas, contando as crianças como habitantes. Mas, ainda assim, Barnald conhecia cada rua e beco como a palma da mão. Era o tipo de homem que odiava perder tempo em trajetos, e o conhecimento das ruas o fazia economizá-lo, nem que fossem alguns minutos.

E foi graças a isso que, quando irrompeu na rua principal, viu Kirk Tosier entrando em casa. Estava quase fechando a porta quando gritou para ele.

— Ah, seu maldito, achei que não chegaria a tempo.

— Sempre chego a tempo — disse Barnald, jogando um dos sacos de fumo para Tosier.

— Como está a Lessane? — disse o velho, enquanto apertava o saquinho com as mãos enrugadas, quebrando os galhos e folhas lá dentro.

— Está ótima. Ela mandou um abraço e um beijo.

— Um abraço e um beijo pra ela também. Adeus, seu merda — Tosier já estava fechando a porta quando Barnald o chamou novamente. O velho se virou para ele. — Que foi, porra?

— Não quero incomodar. Mas será que tem como arrumar um pouco de isca pra janta? Pensei em ir até a cidade pegar algumas galinhas, mas já está tarde e tenho pressa.

O homem bufou e entrou na casinha. Barnald ficou do lado de fora, ao lado do burro e batendo o pé contra o chão. Alguns minutos se passaram até que Tosier voltou para fora com uma sacola de iscas. Jogou para Barnald.

— Fica me devendo essa. E no seu lugar, eu não teria pressa. Se ficar velho, vai saber do que estou falando.

— Conte com isso — disse enquanto amarrava a sacola no cinto. — Um abraço e um beijo para a Menris e a Venris.

— Some da minha frente, seu peste.

Barnald saiu em caminhada. A Noite havia chegado e agora o céu estava tão negro quanto o olho de um Pesadelo. O caminhar o incomodou. Ele virou-se para o burro e deu mais um tapinha nas costas dele.

— Aguenta mais uma corridinha, camarada?

O burro o olhou como se dissesse “só se for para o inferno”.

Correram até a última cabana, que era onde Barnald morava. Ele abriu a porta da cerca e amarrou o burro na estaca. Tirou os baldes de água do lombo do animal e os colocou no chão, assim como fez com os pedaços de lenha. Ele jogou um pouco das iscas em frente do burro, acariciando as costas dele e esperando que comesse.

— É o que tem pra hoje. Se eu fosse você, não reclamaria.

O burro não reclamou. Barnald também não. Ele carregou os baldes até a cabana. Quando abriu a porta, Lessane estava do outro lado. Tão linda como sempre.

— Oi, amor, que bom que chegou.

— É sempre bom estar em casa.

Sobre o Autor:

Douglas Noleto, nascido e criado em Iguape, SP, é autor de romances e contos de suspense e terror psicológico. Atualmente mora em Curitiba e escreve, quinzenalmente, para a Revista Perpétua, sua casa literária.



Como você atrai a atenção de seus potenciais leitores?



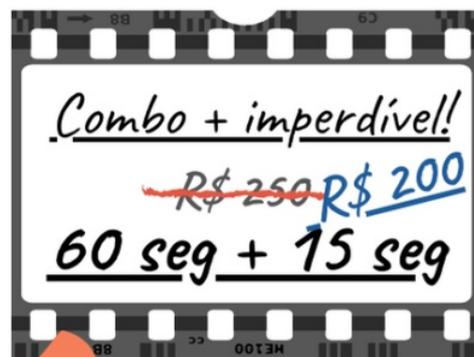
FISGUE SEU PÚBLICO COM BOOKTRAILERES E TEASERS INCRÍVEIS!

ESCOLHA SEU TEASER



ACHOU POUCO?

Diga que encontrou a oferta na Revista Literatura Errante, e ganhe um desconto exclusivo de R\$50 no combo:



**EXCLUSIVO
PARA MEMBROS
LITERATURA ERRANTE**



(62) 8423-0214



Até que a Morte Nos Separe - II

por Doug Noleto

Jantaram as iscas com batatas e tomate. Ao contrário do que Barnald esperava, Lessane não reclamou pela ausência do frango. Ela é melhor do que o melhor dos meus sonhos, pensou ele, enquanto a observava comendo. A lenha estalava atrás dele, jogando calor e um brilho vermelho nos olhos da mulher. O rosto dela era perfeito. O cabelo caía em ondas irregulares sobre os ombros, dando a ela a completude e a beleza que só os Antigos Anjos deveriam ter. A sua boca, lisa e linda, era um poço de hipnose, que roubava os pensamentos e a atenção de Barnald a qualquer segundo. A não ser, é claro, quando ela sorria. Ah, aquele sorriso. Quão injusta a vida poderia ser por dar a ela a maior dádiva da terra? Será mesmo que um desequilíbrio tão grande poderia acontecer sem a menor das punições? Inebriante, poderoso, leve e

delicioso. O sorriso de Lessane era a o flutuar da alma pelos bosques infinitos do paraíso. O brilho de seus olhos era a chama que aquecia seus dias e guiava os caminhos. Barnald estava ali, com uma batata a meio caminho da boca, quando ela o olhou. Sorrindo, claro.

— O que foi, querido, algum problema?

A voz daquela mulher, se é que tal palavra poderia ser direcionada à tamanha perfeição, soava como música aos ouvidos. Ora melancólica, ora feliz, a voz de Lessane preenchia os espaços vazios dentro de Barnald.

— Nenhum problema, meu amor. Nenhum problema. Seu pai mandou um abraço e um beijo.

— Que saudades dele! Tenho que ir até lá qualquer dia desses. Como está minha mãe e Venris?

— Não as vi, mas devem estar bem.

— Que ótimo. Por que não vamos até lá na semana que vem?

— O que quiser, querida.

Assim que terminaram a refeição, Barnald foi para fora e se sentou em sua cadeira velha de madeira. O burro já estava dormindo e a lua alta iluminava a copa de algumas árvores. A cabana deles, embora estivesse no vilarejo, ficava um pouco afastada das demais. Atrás da pequena construção de madeira havia apenas árvores. Uma das muitas entradas da floresta. Contudo, Barnald, quando precisava buscar lenha ou qualquer outra coisa, preferia a rota convencional, que partia da trilha pela saída da vila. Era mais segura e sempre havia outras pessoas com quem conversar. Não que ele fosse o homem mais comunicativo naquelas terras, mas era bom ter a presença de semelhantes por perto. Nunca se sabe o que pode estar espreitando entre os troncos velhos e enegrecidos das matas.

Barnald tirou um pouco de fumo previamente torrado e triturado de um saco que levava consigo, do resto que sobrara da colheita anterior, e enfiou em um cachimbo que havia ganhado de Tosier quando se casara com Lessane. Acendeu-o e bafou um pouco da perfumada fumaça das folhas da Grande Árvore. Ah, isso é que era vida! Do lado de dentro da casa, ele podia ouvir a movimentação de Lessane. Devia estar preparando algum chá de ervas para dormir. Ele não precisava ver para saber. Quando se está há muito tempo com alguma pessoa — vinte anos,

para ser exato —, nada é novidade.

E esse era só um dos detalhes que Barnald amava em Lessane. Pois embora conhecesse-a bem, encantava-se com cada uma de suas nuances que ela lhe dava o prazer de admirar.

Quando o cachimbo apagou, até pensou em acendê-lo novamente, mas a vontade de estar com ela gritava enlouquecida dentro de si. Foi até o burro e deu boa noite para o velho camarada, entrando em casa logo depois. Bateu a porta de madeira e passou o pau que a trancava bem atrás. Estava pronto para se virar, quando sentiu as mãos de Lessane em suas costas. Quando a olhou, teve a visão do corpo nu de sua amada. Foram para o quarto e tiveram uma de suas noites de fantasia e sonhos. O corpo quente de Lessane afastava o frio que chegava àquelas terras. Difícil dizer quem adormeceu primeiro. Quando se vive o amor, estar acordado é como pisar nas nuvens da irreabilidade.

Contudo, aquela foi a última noite em que dormiram juntos. Em companhia do sol que nasceria no próximo dia, sobreveio o inferno.

A vida muda de repente.

Sobre o Autor:

Douglas Noletto, nascido e criado em Iguape, SP, é autor de romances e contos de suspense e terror psicológico. Atualmente mora em Curitiba e escreve, quinzenalmente, para a Revista Perpétua, sua casa literária.



APOIE O LITERATURA ERRANTE

AJUDE-NOS A MANTER O LITERATURA ERRANTE GRATUITO E ACESSÍVEL A QUEM NÃO PODE PAGAR (ESCRITORES E LEITORES)

SÓ SE VOCÊ QUISER!

Não é obrigação contribuir com o projeto Literatura Errante.

Todos os nossos colaboradores fazem este trabalho por amor à Literatura. Mas, como temos nossos custos, precisamos da ajuda de quem puder e quiser contribuir para a nossa nobre causa.

SÓ SE VOCÊ PUDER!

Nós do Literatura Errante mantemos o compromisso assumido, de assegurar conteúdo gratuitamente para os amantes da Literatura, bem como acesso à publicação gratuita e sem cobranças para os autores.

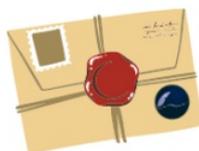
MÚLTIPLAS OPÇÕES - COM BENEFÍCIOS EXCLUSIVOS!

A PARTIR DE

R\$ 7,50*

AO MÊS

Você poderá:



Receber mimos exclusivos



Participar de Encontros
(via Meets)



Receber livros selecionados

E muito mais*

*** Verifique os planos e respectivos benefícios no Portal Literatura Errante**



LITERATURA ERRANTE

www.literaturaerrante.com.br

NÓS AGRADECEMOS PELA SUA CONTRIBUIÇÃO!

A EQUIPE DO LITERATURA ERRANTE É FORMADA POR VOLUNTÁRIOS QUE SÃO PAU PRA TODA OBRA! JUNTOS, QUEREMOS EXPRESSAR NOSSA GRATIDÃO PARA VOCÊ QUE TORNA NOSSO TRABALHO POSSÍVEL! (EQUIPE DISPOSTA EM ORDEM ALFABÉTICA, E AS CONTRIBUIÇÕES NÃO SE RESUMEM À LEGENDA)



DANIEL COSME
Autor



GABRIEL SOARES
Autor



GUTO DOMINGUES
Autor



HELLEN HEVENY
Autora e Revisora



JOSÉ GOMES
Autor e Apolo Jurídico



JOSI BRANDÃO
Autora



LUIZ ALLADIN
Autor e Produtor Cultural



PABLO GOMES
Autor e Editor



PABLO NEVES
Autor



R. LORRY
Autor



TATI IEGOROFF
Autora e Revisora





Entrevista com Doug Noieto

por Pablo Gomes

Literatura Errante - O conto "Até que a morte nos separe", cujos primeiros capítulos estamos publicando nesta edição, se passa num contexto medieval e com elementos de fantasia, não é? Ele faz parte de algum universo maior, sobre o qual você ou outro escritor escreve? Onde poderíamos ler mais? Ou o texto está sozinho, pelo menos por enquanto?

DOUG NOLETO - Sim, se passa em um mundo medieval "clássico", digamos. Algo até meio padrão para o gênero. Quando eu o escrevi, o intuito era de ser apenas uma história isolada. Um mundo para uma história única. Porém, assim que finalizei e mostrei para algumas pessoas

próximas, pensei: "ué, por que não fazer mais coisas por esses lados? Isso me parece bom"

No momento estou escrevendo um romance que se passa nesse mesmo universo, claro que estou tratando de expandi-lo em todos os aspectos (os alienígenas entram aqui), mas também é algo que vai levar algum tempo. A primeira versão está prevista até o fim desse ano.

LE - Inserir Alienígenas em uma estória medieval é uma inovação ousada e, no mínimo curiosa. De onde surgiu essa ideia?

DN - Eu gosto de pensar que tudo,

absolutamente tudo, por mais insano que possa parecer, quando bem estruturado, pode acabar fazendo algum sentido em qualquer história.

Alienígenas em um mundo medieval me pareceu tão absurdo (e até cômico) que eu simplesmente NÃO RESISTI à ideia de colocá-los lá.

Sem entregar muito, posso dizer que esses "seres" terão um papel semelhante ao de Noé e sua arca durante o dilúvio bíblico.

Algo meio "entrem nessa nave! Seu planeta irá explodir e a única esperança da sua raça é vir conosco"

Claro que não se trata de uma nave e nem de uma explosão, mas é algo nessa linha.

LE - Ficamos bastante curiosos, com certeza! Certamente, o público também ficará. Não esqueça de nos comunicar quando o livro for publicado. Ficaremos felizes em divulgá-lo.

Reparamos que no conto "Até que a morte nos separe" que estamos publicando você tem referências bem claras a Tolkien, e um outro texto que avaliamos fazia homenagem a Lovecraft. Visivelmente, você cultiva o hábito da leitura. Além desses autores, quais outros você sente que compõem o seu arsenal de influências e referências?

DN - Fui influenciado por um número sem fim de autores. Quando mais novo, lia tudo que aparecia na minha frente. Tudo MESMO. não é à toa que, caso pergunte, eu não conseguiria listar nem 10% dos autores e livros que li durante essa época. Essas foram influências inconscientes. Influências que vieram sem eu perceber de forma racional, já que acabamos absorvendo um pouco de tudo que consumimos.

Agora, para dizer alguns, posso dizer que Poe, Lovecraft, King, Mary Shelley, Cesar Bravo, Agatha Christie, Isaac Asimov até mesmo Dan Brown e Nicholas Sparks, foram autores que me identifiquei muito, seja pela criatividade ou pela

forma de escrita.

Também sou um fã de games, e muitas das histórias que consumi através deles, desde a época do Snes (estou pensando em Chrono Trigger e Final Fantasy), acabaram influenciando na minha forma de ver os limites que a ficção pode atingir. Acho tudo fantástico.

“
Alienígenas em
um mundo me-
dieval me pare-
ceu tão absurdo
(e até cômico)
que eu simples-
mente NÃO
RESISTI à ideia
de colocá-los lá.
”

LE - Suas referências são bem ricas e diversificadas, mesmo! Uma excelente fonte para a criatividade! E por falar em fantástico, irei citar um escritor do gênero nessa pergunta; George Martin gosta de classificar escritores entre arquitetos e jardineiros, diferenciando-os por os primeiros planejarem minuciosamente sua estória antes de

escrevê-la, já sabendo tudo o que acontecerá antes de a redigir, enquanto os seguintes podem até ter uma ideia do que vem adiante, mas, vão descobrindo a estória enquanto a desenvolvem. Você crê que poderia se encaixar alguma das duas formas de trabalho? Qual seria? Ao desenvolver seus textos, você utiliza alguma técnica?

DN - Eu amo esse assunto, e sempre que penso nisso acabo aprendendo alguma coisa nova.

Eu, particularmente, não costumo planejar nada com antecedência. Absolutamente nada. Pra você ter uma noção, quando comecei a escrever o Até que a Morte nos Separe, eu não fazia a menor ideia do que a história se trataria (o que foi um desafio, já que eu tinha um limite de palavras e não teria tanto espaço para divagações e rodeios). Só sabia que seria de fantasia e que teria alguma relação com amor. Só isso. Com o desenrolar da narrativa é que eu acabei chegando em alguma coisa, e o resultado foi esse.

O máximo que faço é pensar em algum conceito. Esse é o meu ponto de "start". Tenho um conto publicado no Wattpad em que a ideia inicial era: "o que aconteceria se alguém comesse a ter uma profunda conversa com uma porta?"

A resposta seria: "nada, ora, o máximo que aconteceria seria esse alguém acabar aliviado emocionalmente por ter desabafado com essa porta"

E depois pensei: "ok, mas e se essa porta respondesse?"

E então saiu o conto.

LE - Então, basta a premissa. Como no Cinema Novo, "uma ideia na cabeça e uma câmera na mão". Aqui, parafraseando, seria "uma ideia na cabeça e um teclado na mão" (assumindo que se escreva em computador)?

DN - Exatamente isso, cara. Tendo a premissa na cabeça, o resto vem

naturalmente, como pontos em uma costura. Não gosto de forçar as coisas para dentro de uma estrutura pré-programada. Prefiro deixar a história e os personagens o mais livres possíveis até que eles cheguem a algum lugar.

Acredito que a primeira versão de uma história deva ser escrita com o coração, e as outras, com a mente. Um planejamento extremamente racional e detalhado de uma história serve, pelo menos pra mim, como uma rocha de gelo substituindo o coração. Não funciono dessa forma.

LE - Totalmente jardineiro, então.

E com esse método tão minimalista para escrever, o que você acha que é imprescindível para o trabalho de escritor?

DN - Acho que qualquer pessoa que tenha o interesse em ser escritora deve ser uma espécie de esponja humana. Absorver todo o mundo ao seu redor. Ter olhos atentos para as coisas que a cercam e usá-las como fonte de inspiração. Às vezes, detalhes simples podem ser tesouros

“Tendo a premissa na cabeça, o resto vem naturalmente, como pontos em uma costura.”

escondidos, tesouros que podem esconder ideias e, quem sabe, boas histórias.

E sobre o ato de escrever, propriamente dito, acredito que a melhor forma de aprimorá-lo e torná-lo natural é através da prática e leitura constante. Ler muito e escrever muito não é uma receita 100% infalível (Deus bem sabe que há muita gente escrevendo pra cacete mas sem o mínimo de noção do que faz), mas pode acreditar que é um início maravilhoso.

LE - Curioso você mencionar o caráter humano do escritor. Recentemente, computadores com inteligência artificial já têm sido capazes, sem precisar de qualquer preparo prévio (como montagem de modelos ou estruturas previamente definidas), de escrever notícias. Você acha que essas inteligências artificiais serão capazes de construir estórias boas e atrativas? Se conseguirem, poderão ser considerados escritores?

DN - Cara, se entrarmos nessa, só vamos sair na semana que vem.

Mas, por favor, vamos falar disso!

A princípio, escritor é quem escreve, logo, uma máquina que possui essa capacidade pode, sim, ser considerada escritora. Porém (com muita ênfase), acho que existe algo no ser humano que é intransferível e irreplicável, mesmo sob qualquer tecnologia, e esse "algo" é o sentimento.

Imagine uma mãe que perdeu o filho em um ataque de um cachorro raivoso. Agora imagine essa mãe escrevendo um livro sobre cães raivosos.

Cara, uma máquina não reproduziria o ódio que essa mãe pode estar sentindo e transmitindo para o papel. De forma alguma.

Claro que estou sendo parcial aqui (afinal, não quero perder lugar para uma máquina no futuro), e também acho que talvez essas máquinas possam um dia reproduzir esses mesmos sentimentos, mas ainda assim, nunca seria perfeito.

Acho mais fácil um ser humano escrever,

sob a maldição do planejamento, como uma máquina do que uma máquina, sob a bênção das emoções, escrever como um ser humano.

LE - Então, partindo de sua resposta, podemos deduzir que estou entrevistando, de fato, um humano. O que podemos falar do humano Douglas, por trás do autor Doug Noleto?

DN - Não sei se fui programado pra responder que sim, mas, se não estou enganado, acho que sou um ser humano em sua mais simples definição (risadas).

Por trás do Douglas Noleto dos textos, há o mesmo Douglas Noleto, só que falando bem mais merda e com um português ainda mais chulo. Mas ainda é o mesmo. Sou um cara sonhador e apaixonado, talvez um pouco vaidoso (qual escritor não é?) e repleto de sentimentos. Não conseguiria me definir de uma maneira que não fosse assim: cheio de sonhos.

Não é a toa que escrevo, afinal, a noite não é o suficiente pra sonhar tudo que há dentro de mim. Preciso sonhar dentro das minhas páginas, porque é lá que encontro a liberdade que o mundo real, muitas vezes, não pode me dar. Se alguém estiver disposto a sonhar comigo, será muito bem vindo nesse mundo de sonhos.

A literatura (humana, de preferência) é exatamente isso: um mundo de sonhos, e ela é livre para todos.

LE - Doug, foi um prazer conversar contigo! Estamos felizes de publicar seu conto, e esperamos que venham mais, no futuro!

Muito obrigado por esta conversa agradável que ousaremos chamar de entrevista! É outra experiência que esperamos poder repetir em breve!

Forte abraço!

DN - Eu que agradeço a oportunidade, é uma honra estar aqui. Sempre que quiserem conversar um pouquinho, seja sobre máquinas ou sobre fantasia com alienígenas, estarei à disposição.

Um abraço e até a próxima!

@cartuns.alpino

TROCAS E DEVOLUÇÕES



Alpino

@cartuns.alpino



Alpino

- Se 2020 for cancelado, eu continuo com 39...



*- O que fazer nesses tempos de pandemia?
Bem, acho que não vir aqui infectar o seu
guru teria sido um bom começo...*

Sobre o Autor:

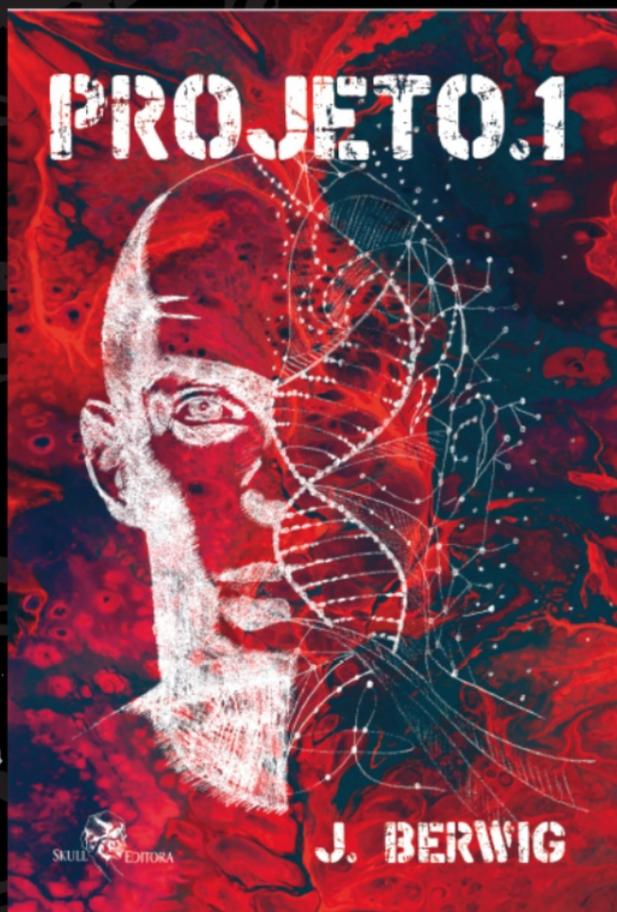
Alberto Alpino, cartunista do portal Yahoo!Brasil, Folha de São Paulo, Playboy e autor da tira Samanta, publicada em vários jornais brasileiros.

Prêmio HQMix Humor Gráfico, 2013.

Instagram: @cartuns.alpino



FICÇÃO CIENTÍFICA



Dois médicos cientistas, em uma noite, resolvem criar uma substância capaz de revolucionar o mundo e mudar suas vidas para sempre. Acabam, então, criando algo capaz e alterar os genes dos seres humanos, fazendo-os desenvolver "poderes" distintos: porém, a sede pelo poder os leva a adotar métodos obscuros para alcançarem o que tanto desejam, causando danos que nem mesmo eles podem medir... Em meio a toda confusão, duas gêmeas se descobrem as únicas capazes de romper com essa trama que trouxe tantas cicatrizes. Elas terão, será, força suficiente e serão capazes de vencer esse desafio mortal?

**ADQUIRA JÁ SEU
EXEMPLAR:**

[www.lojaeditoraskull.com.br
/produtos/projeto-1/](http://www.lojaeditoraskull.com.br/produtos/projeto-1/)



SOBRE A AUTORA:

JÉSSICA VOLINO BERWIG, nasceu em Porto Alegre, no sul do Brasil, em 1999. Desenvolveu a paixão pela leitura e pela escrita desde pequena por influência de sua avó e de sua mãe e, desde então, nunca mais parou de escrever. Seu primeiro livro, publicado pela escola, foi escrito quando ela tinha sete anos.